

EDIÇÃO DE NATAL E ANO NOVO

ARQUIVAR



Cordel : o Natal brasileiro , o Ano Novo segundo os astros , "o longo jantar de Natal" , falam os interessados nas eleições de 76 em Jundiaí , e mais

simão, o bartimeu, sandro, wolf, percival, erazê, virgilio



A festa da família

Mãe. Custou mas eu achei um tempinho para escrever para a senhora, não tem dado tempo para nada muito corre corre mas está tudo bem com a graça de Deus.

Estou escrevendo esta de madrugada, teve uma festa muito linda aqui tinha todo mundo da família e ainda muitos convidados e as mulheres deles estavam lindas, sabe aqueles vestidos que chamam de longo, por causa do calor elas vão na piscina e na praia estavam morenas e pele queimada, eu não gosto muito mas estavam muito lindas de vestido longo.

A senhora nem imagina que tratalhão de preparar a festa eu que cuidei de tudo, e mais duas meninas uma que chegou de Minas faz pouco tempo Deus me perdoe ela é moça boa mas não tem jeito para nada, deu um trabalho para ensinar ela, dei tanta risada na hora que ela apertou o sifão sem querer, é uma garrafa que tem gás dentro e ela levou um susto, foi só risada coitada.

Aqui está tudo bem graças

a Deus, eu bebi um pouco de champanhe na festa e fiquei meia zonga, por isso acho que eu estou misturando as notícias mas está tudo bem por aqui. Agora vou contar para a senhora tudo o que tinha na festa de comida e de bebida, tinha aperitivos de tudo quanto é tipo, ponche, gin, uísque, martini, coquetel, tinha salgadinhos cada um lindo que uma mulher da Vila Prudente fez que eu nunca vi igual. De comida teve creme de aspargo e peru a brasileira e tinha farofas e mais outras carnes para quem não gostasse e arroz bem soltinho.

E depois teve doces de sobremesa que foi também a mulher que fez alguns e outros eram estrangeiros mas não tem aquele gosto gostoso da mulher que faz da Vila Prudente. Nossa mãe estou com sono, também a festa desde que comecei a preparar tudo, foi na madrugada do dia antes e o dia inteiro e até de noite. Teve gente que ficou até agora que são seis horas e ainda estão tocando violão lá na piscina os moços e as moças e mais a menina aqui da

casa. Ela é tão boazinha estudante de colégio e depois ela vai ser médica que nem o pai dela, ela gosta muito de mim e eu faço de tudo para ela porque eu gosto dela também, agora eu vou parar um pouco porque estão chamando lá na piscina é a turminha dela.

Tem um rapaz lá na piscina que eu fui ver que bebeu demais e está de estômago virado que nem o pai aquela vez que a senhora deu chá de losna para ele beber depois. Às vezes eu falo com saudades daí mas aqui está tudo muito bom para mim graças a Deus mas eu sinto saudades do pai e da mãe e do menino, ele vai indo bem dá muito trabalho para a senhora? Aquele moço que eu falei para a senhora na outra carta quando eu falei para ele que tinha o menino ele mudou de conversa e sumiu na poeira, aqui o pessoal só quer saber de uma coisa desculpe eu falar disso para a senhora.

Eu estou bem assim do jeito que eu estou, o que já passou já passou graças a

Deus, eu não quero mais saber não mãe.

Agora eu vou contar uma coisa da festa na hora dos presentes que todos trocaram, mãe do céu cada coisa mais linda que deram a menina ganhou um automóvel Chevette que chamam, é azul e lindo novinho em folha e a mãe dela ganhou acho que foi diamante um colar maravilhoso acho que custou mais de um milhão e o doutor ganhou quatro cachimbos que ele fuma mas já tem bastante e ganhou mais quatro.

Mãe eu estou muito cansada e estou com sono por causa da festa o dia inteiro. Os 50 cruzeiros que vai junto com esta é meu presente para a senhora e para o pai compre o que está precisando, não dá para muito mas eu ganhei de gorjeta de um doutor que veio na festa convidado ele já me conhece que vem sempre aqui conversar com o doutor, ele me deu de presente esses 50 cruzeiros hoje e eu dou para a senhora e para o pai, a sua benção e do pai, a sua filha Olga de Souza.

Erazé Martinho

Canto Chorado

“Res non verba”...

Estamos começando hoje o nosso papo com um latinório. É uma espécie de eufemismo para não dizer logo à queima-roupa que a grana acabou.

Foi esse o chinfrin que se viu e ouviu na fila do imposto. Berreiro e impropérios a granel.

E não hão de ver que uma cara, aproveitando-se do calor do ambiente, entrou “na dele” e começou, sem mais nem menos, a apregoar sua miséria e a dizer que desde o dia que recebeu o fatídico aviso do predial nunca mais pode sentir o odor franguinho domingueiro que lhe engraxava a goela com tanta sofreguidão.

Não queiram saber, a investida do homem só serviu p’ra botar mais lenha na fogueira. Foi um tal de mandar gente p’ra lá, que em ouvindo a censura teria considerado impróprio para cinquenta anos.

— Pois é — vociferava o cujo espumando a baba pelo canto da boca — enquanto eles comem 37 milhões em menos de três meses, eu já estou a ponto de almoçar como cachorro de caipira. Não sobra mais nenhum. Vai todinho p’ro imposto... e intercalava o seu queixume com aquele dito brejeiro que o vulgo usa para mimosear os juizes de futebol.

A mulherada se avermelhava e punha as mãos nos ouvidos ao mesmo instante que balbuciava: cruz... credo...

E assim ia a fila seguindo até a beira dos guichês. Os mais conformados caminhavam taciturnos; os rebeldes com os beiços nas trombetas.

Em resumo, ninguém mais tinha dinheiro sobrando ali naquela fila. Nem p’ra cigarro, nem p’ra pinguinha. Estavam todos esperando pelo 13º para não terem que lambar embira no Natal... a não ser o supracitado que já está pensando num jeito de “comer” de graça... se não faltar água...

Que triste é a sina do pobre
Aqui na buracolandia
Canalizar o seu cobre
P’ra chupetolandia

Continuar lambendo embira
Ou variar o seu menú
Como faz cão de caipira
Quando lhe tiram o angü

Simão



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**

**IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PAN SERVIÇOS

Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA

Propriedade da **Editora Japi Ltda.**
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: **Celso Francisco de Paula**
Capa: **Araken Martinho**
Ilustrações: **Décio Denardi**
Oficinas Impressoras: **“Cruzeiro do Sul”**
R. de São Bento, 245 — Sorocaba
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Papai Noel

ERA UMA VEZ...

certa cidade situada no pé da Serra do Japi, sendo a época bem conhecida.

Cidade boa, ordeira hospitaleira, onde todos tinham vez e eram recebidos de braços abertos, com cidadãos pacatos até de mais, incapazes de uma ação que não de paz.

Muitos prefeitos se elegeram e o povo jamais perguntou de onde vieram. Não interessava. Eram homens bons, uns menos outros mais capazes. Deixaram marcas positivas, realizaram o que puderam e acima de tudo respeitaram o povo.

Eis que, o mesmo povo bom, sempre disposto e certo de que só existe sobre a face da terra o bem, compareceu às urnas, somando três para dar um, numa estranha máquina matemática das sublegendas. Elegeu-se aquele que, aproveitando-se de uma confusão, desfraldou a bandeira da paz. Não tinha programa definido, não tinha outra mensagem. Mas para que? Quando o povo é de paz, não há que se indagar mais nada. A paz é um ótimo ingrediente para uma boa administração.

Tudo calma, felicidade geral.

Aos poucos, o mesmo povo, aquele que não acreditava em maldades o que não

viu nunca foi exatamente a paz. Foi percebendo o engodo e pensou com seus botões: Puxa vida, como a gente se engana. De quem a culpa?

Dos políticos que lhe deram a legenda? Talvez, porque o homem não era nada no partido. Tinha só um voto, o seu. Deram-lhe mais 9.

Dos que o apoiaram? Talvez, porque não se apoiou ninguém sem uma análise conveniente.

Dos outros dois candidatos que lhe deram os votos que receberam, e rechearam sua empada? Talvez, porque se esbaldaram inutilmente beneficiando o partido, acreditando no sistema, para serem repudiados em seguida pelo vencedor que mandou o partido às favas, sem uma providência sequer dos escalões superiores.

Ou será que — ainda o povo se perguntando — a culpa é nossa que bancamos os sabichões e nele votamos? Que fazer? Ressoavam as perguntas. Muitos começaram a fazer alguma coisa, qualquer que fosse e demonstrasse não haver concordância com o que se passava. Muitos abandonaram a luta, quando o interesse próprio falou mais alto. Alguns ficaram. Na opinião dos que tinham interesses, eram uns chatos. Na opinião de alguns outros, uns teimosos em querer consertar o

que conserto não tem. Outros, no entanto, pensavam: será que essa gente tem defeito na espinha e não pode se curvar?

O povo, entretanto, continuou o mesmo. Bom, ordeiro, hospitaleiro, na mais santa omissão, escudado no refrão que diz não haver mal que sempre dure.

E assim foi vivendo, embora espoliado em seus haveres em forma de impostos escorchantes, destinados a pagar os juros de dívidas mal contraiadas.

O tempo passando e os disparates continuando, e o povo, só conhecendo o bem, continuou acreditando em Papai Noel.

Não podendo fazer outra coisa rezava ou apelava, pelo menos uma vez por mês, na fila dos impostos, para o santo velinho, rogando para que se lembrasse da sua cidade. Infelizmente nada. Não se percebeu coisa alguma que demonstrasse um pouco de boa vontade no sentido de se dar juízo àquele que pregou a paz, dando exatamente a impressão de que pregou foi mesmo com prego e martelo.

Pano rápido. Chegamos a dezembro de 1975.

Ora, se Papai Noel não toma conhecimento dos nossos apelos, quem nos vai dar presente de Natal?

Não vamos exigir tantos presentes, isso nunca. Nosso respeito por Papai Noel é muito grande e sabemos que

o Brasil é maior ainda, sendo quase impossível cuidar de todos com presentinhos. Todos querem, uns merecem outros não.

Nós não pedimos muito, não seria justo.

Mas também não é justo que o nosso pedido não seja considerado, ou não somos seus filhos?

E para mostrar nossa cooperação, como fazem todos os que acreditam em Papai Noel, vamos dizer o que gostaríamos de receber neste Natal, porque no outro vamos ser mais exigentes. Vamos pedir que na mudança haja muito cuidado.

Querido Papai Noel. Venha até esta cidade, de montaria, de trenô, ou mesmo de helicóptero e traga para esse povo tão bom, um presente, em forma de notícia, que já serve para muitas alegrias, garantindo que o prefeito abrirá uma concorrência pública, bem elaborada, com prazos suficientes, sem truques e com condições capazes de atrair muitas firmas a fim de asfaltarem a cidade e os bairros a preços justos e prestações acessíveis que não venham a corroer a já minguada bolsa daqueles que sentem tanto orgulho de viverem numa cidade tão bem colocada ao pé da (enquanto não acaba) linda e espetacular Serra do Japi.

Virgílio Torricelli

Bom Natal para todos

Natal, festa de Deus!

Natal, festa do povo!

Bimbalham os campanários nas alturas imensuráveis, anunciando o evento maravilhoso!

Jesus nasceu.

Sem púrpuras de rei, sem toques de clarins nem rufos de tambores, o mundo inaugurava, naquela hora, uma etapa nova na vida da humanidade.

Estava implantado o amor como norma de comportamento da criatura humana.

E o mensageiro do Criador, que acabava de vir à luz na simplicidade de u'a manjedoura, trazia no bojo do seu sublimado destino a intrasferível incumbência e a responsabilidade de erradicar o entrevêlo, a inveja, a cobiça, a pilhagem, o desamor e todos os males que infelicitam o homem na face da terra.

Predestinada a missão do Nazareno, malgrado os dois milênios decorridos.

Elevando a cabeça para o alto, se sensibilizados pela compreensão aos sábios ensinamentos, poderemos ver, na esclerótica do céu, os olhos piedosos do Profeta fitando as gerações que cada vez mais parecem distanciadas das diretrizes ditadas aos seus apóstolos para seguimento dos filhos de Deus.

Teria Jesus malgrado na sua divina peregrinação sobre a terra?

Não. A despeito do turbilhão das guerras fratricidas, dos terrorismos e das barbáries de que o mundo é palco, tudo nos induz a acreditar que não.

Os magnetizantes eflúvios do Natal testemunham essa assertiva. Já que, as palavras de cristo fazem morada no escrínio do coração de cada ente humano, desde os mais humildes aos mais ferozes a quem o pai há que perdoa-os porque "não sabem o que fazem".

Bimbalham os sinos nos campanários altaneiros!

É chegado o Natal! Nasceu o paradigma!

Cultuemos neste dia de pressagas persecutórias ao rumo dos povos, um voto para que os homens, fazendo jús aos ensinamentos do Messias, confraternizem-se a fim de que os percalços da vida se atenuem graças ao amor e a solidariedade.

Bom Natal. Boas Festas para todos, são os votos do "Journal de 2ª".

Carlos Veiga

A verdade à luz dos fatos

A Câmara Municipal na sua sessão da última quarta-feira rejeitou o projeto de lei sob cuja égide o prefeito Ibis Cruz queria vender duas unidades do patrimônio da cidade, ou sejam os prédios que outrora serviram ao mercado e ao corpo de bombeiros, respectivamente, às ruas Barão de Jundiá e Zacarias de Góes.

Falamos Câmara por força de um apelido menos rebarbativo, isso porque, foram apenas aqueles seis vereadores que se dignificaram perante a opinião pública pela independência e rigidez de caráter como pontificam no legislativo.

Imaginem os leitores que o prefeito Ibis Cruz queria vender os imóveis e aplicar o dinheiro em especulações mobiliárias — open market — descaracterizando a Prefeitura de suas funções administrativas e situando-se pessoalmente como um mascote dos dinheiros do povo.

Felizmente eram necessários dois terços dos votos para que o projeto-maroto fosse aprovado, tendo, por essa feliz circunstância, os vereadores contrários garantido a rejeição.

À eles, pois, que desfrutam da tranquilidade do dever cumprido, as nossas mais efusivas congratulações.

-o-

Ao, se inaugurar, em setembro transacto, um trecho da avenida do Corrego do Mato, o sr. Prefeito fez anunciar, com muito espalhamento, através um "suplemento" que deve ter custado muitos milhares de cruzeiros, que "acabava de trazer um rio para esta cidade". Que o tal rio "marcava o fim da falta d'água" nas torneiras dos contribuintes. Que isso se devia à sua inteligência e operosidade. Que "um dos mais cruciais problemas que sempre assolou Jundiá — o da água em quantidade suficiente para atender a toda a população — encontrou sua solução definitiva há bem poucos dias".

E numa outra dessas muitas notícias encomendadas a alto preço: — (In fine).

— "Ibis Pereira Mauro da Cruz, prefeito municipal e Aloysio S. Ferrão, diretor superintendente do DAE, convidam o povo jundiense em geral para prestigiar o acontecimento, data histórica que marca o FIM DOS PROBLEMAS JUNDIAENSES LIGADOS AO SETOR DA ÁGUA".

Depois dessas "alvissareiras" e de muitas mais que a prodigalidade embromativa do sr. prefeito tem urdido, o que é que a população vem constatando?

Falta d'água por toda parte.

Já ninguém mais leva à conta de verdade as desculpas do DAE.

Agora, segundo se propala, o sr. prefeito teria assinado com a SABESP um contrato de financiamento de 29 milhões de cruzeiros destinado ao custeio do serviço de água. Um novo empréstimo como se pode inferir. Para que? Para a feitura de reservatórios; sub-adutoras; represa de captação; extensão da rede, etc..

Pelo que se conclui, não há nada feito. Mentia o prefeito, quando anunciava "o fim da falta d'água". Mentia o DAE quando afirmava que os intermitentes aumentos da taxa se faziam para que o povo tivesse a presença do precioso líquido quer no centro quer nos bairros.

Isto exposto, sem maiores comentários, deixamos aqui duas perguntas que esperamos sejam respondidas em atendimento ao interesse público:

— Quando vão parar de tomar dinheiro emprestado?

— Quando vão parar de mentir ao povo?

Elcio Vargas

A todos os homens de boa vontade, a nossa mensagem de confiança, otimismo, alegria e muita paz, a fim de que encontrem o caminho da União e da Fraternidade. Tenham todos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo.

COSMAR VEÍCULOS E MÁQUINAS S.A.

Concessionária Mercedes-Benz
Av. Sebastião Mendes Silva, 82 - Jundiá, S.P.

O Código de Obras na fala de seu autor



O Arquiteto Igar Fehr, atual Presidente do I.A.B. — Núcleo de Jundiaí, é o técnico da Diretoria de Obras da Prefeitura que está desenvolvendo a revisão do código de obras do nosso município. Tendo sido um dos componentes da comissão autora da codificação que está em vigor, Igar, hoje no fim dessa extensa tarefa, pode ser considerado um verdadeiro expert no assunto.

Na entrevista que nos concedeu a respeito, deixa transparecer a importância do código e o cuidado que deve cercar a revisão de uma legislação dessa natureza.

J.2º — Qual a importância e necessidade de um Código de Obras Municipal?

Igar Fehr — Numa criação arquitetônica são levadas em conta parâmetros diversos — programas de necessidades, condições locais, capacidade econômica, técnicas disponíveis e outros — a fim de que o resultado da concepção seja uma obra que ofereça condições ideais melhor atendendo ao fim a que se destina.

Neste processo as normas técnicas se apresentam como um instrumento para a solução correta do problema.

Na função de garantir que as edificações proporcionem — condições mínimas de higiene, conforto e segurança, o poder público estabelece normas, em seus índices mínimos, que devem ser respeitadas. Nessa perspectiva estas normas — os Códigos — são entendidos como necessários.

Entretanto é conveniente lembrar que embora em boas concepções de projetos tenham sido utilizados índices mínimos dessas normas, isto não significa que se observados criteriosamente estes mínimos, o resultado

lógico seja um projeto com solução arquitetônica adequada.

Esta surgirá da dedicação no estudo cuidadoso do problema proposto e na busca da solução ideal.

J.2º — Quando foi elaborado o Código de Obras que está em vigor?

I.F. — O Código atualmente em vigor foi elaborado há dez anos e convertido em lei em outubro de 1965.

J.2º — Sabe-se que qualquer codificação deve ser revista periodicamente. Além disso há lei superiores (estaduais e federais) que forçam tal medidas?

I.F. — Da necessidade de revisões periódicas do Código, de correntes de novas idéias e pesquisas, de novas técnicas e materiais e de novas condições locais, a própria pergunta já coloca com um fato incontestável.

Quanto às leis superiores que forçam ou ao menos propiciam tal medida, isso ocorre quando as mesmas colocam o Código em desacordo ou permita que adote normas mais atualizadas.

J.2º — Quando foi iniciada a presente revisão, cuja coordenação está a seu cargo?

I.F. — Esta revisão vem sendo desenvolvida desde 1973. No decorrer desse tempo se intercalam períodos de trabalho contínuo e exclusivo no Código, com outros de dedicação parcial ou total a outras atividades.

J.2º — Qual foi a

sistemática de trabalho?

I.F. — Numa primeira fase foi elaborada uma revisão que resultou da análise da legislação vigente (não apenas nossa) de normas técnicas, das técnicas e materiais que foram surgindo ou sendo desenvolvidos e na observação da aplicação do atual Código.

Já nesta fase a ordenação dos assuntos observou numa forma entendida mais lógica e racional.

Concluída esta fase, o trabalho foi submetido à apreciação daquelas pessoas e entidades cuja função tivessem relacionamento com o assunto.

Do resultado dessa apreciação as sugestões, baseadas na experiência profissional de cada um, foi feita uma nova revisão — uma segunda fase — que com algumas alterações decorrentes de pesquisas estudos e confrontos posteriores resultou no texto final.

J.2º — Os profissionais locais colaboraram com esta revisão?

I.F. — A colaboração de um profissional existe sempre durante suas atividades profissionais. Quer pela maior ou menor dedicação na busca da melhor solução, quer pelos seus comentários oportunos relativos à matéria.

Para o caso específico desta revisão, tanto nas solicitações preliminares e mais especialmente quando da análise dos trabalhos em sua primeira fase houve a colaboração de

profissionais através da Inspetoria do CREA, Associação dos Engenheiros de Jundiaí e do Instituto de Arquitetos do Brasil — Núcleo de Jundiaí e de alguns colegas que apresentaram sua colaboração pessoal.

Além dos profissionais lembramos ainda outras manifestações e colaborações como a do Corpo de Bombeiros, Light DAE, Telefônica Jundiaí S/A. DER e Associação Paulista de Medicina — Região de Jundiaí.

J.2º — Quando entrará em vigor este novo Código?

I.F. — O novo Código entrará em vigor quando transformado em lei. A redação final está concluída e os trabalhos de datilografia em fase de conclusão.

Depois disso estará em condições de entrar em fase final administrativa que trata das providências para transformá-lo em lei.

J.2º — Há no novo Código algum ponto que mereça uma observação especial?

I.F. — Da vivência tanto como arquiteto, no exercício profissional, como na Diretoria de Obras, foi possível sentir que a criatividade arquitetônica, na busca de novas soluções ou no aprimoramento das já consagradas pelo uso e na aplicação de novos desenvolvimentos tecnológicos, por vezes encontra no próprio Código — cuja finalidade é garantir condições de higiene, conforto e segurança,

como já foi dito — em obstáculo a esse desenvolvimento.

Se de um lado a criatividade é limitada pela falta de legislação adequada, por outro lado as condições disponíveis pelo poder público, nem sempre permitem estudos e experiências que promovam novas aberturas nessa legislação.

Daí a idéia de inserir no Código um artigo que permita essa criatividade na busca de soluções sempre melhores.

Isso será possível através de um procedimento simplificado que permita a solução seja autorizada pelo Secretário de Obras Públicas com base em memorial justificativo elaborado pelo autor do projeto e em manifestação da Comissão do Código de Obras. Essa solução, após executada a obra e comprovada sua conveniência no tempo e no uso poderá ser adotada como norma nas revisões subsequentes.

A importância desta nova colocação em nosso Código é confirmada por uma das resoluções do XII Congresso Internacional de Arquitetos realizado em maio deste ano em Madrid, cujo tema foi o papel de ideação e a tecnologia na criação arquitetônica:

“É aconselhável a substituição das normas restritivas tipo código — de cumprimentos obrigatório, e que condiciona a criatividade, por orientações voluntárias — tipo guia —, que a inspiram”.

67⁸ 75
ANOS

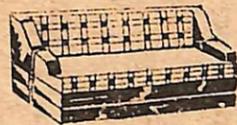


**CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.**

r. Siqueira de Moraes n. 578
8º andar - conjunto 801 - C

**TAPEÇARIA
BRASIL**

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n. 224
FONE: 6-5977

**FINALMENTE, A SUA
GRANDE CHANCE DE
ADQUIRIR UM VOLKS
1300 "O KM" POR
Cr\$ 495,00 MENSAL!**

Pagamento em 60 meses.

Lances e sorteios todo mes. Comercial Liberato faz a entrega. W. Mazziua vende. Já aberto o 3º Grupo. Rua Senador Fonseca, 909 - Fone: 4.2642

**NATAL
COLORIDO
SILVATEX**

BARÃO, 919
TELEFONE
67178

A SENZALA

Rua Barão de Jundiaí, 932
Fone: 4-0697

DOCES CASEIROS

ENCOMENDAS PARA O
NATAL E ANO NOVO

**PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SÍRIOS**

aberto até às 4:00 hs.

Pratos Arabes

**K
IBE
ADI**

ROSHI 239 - 4-2669

**PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVICOS RAPIDOS E SEGUROS**



HIDROTECNICA

projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

A Santaiada

Espelho, amigo verdadeiro,
Tu refletas as minhas rugas,
Os meus cabelos brancos,
Os meus olhos míopes e cansados,
Espelho, amigo verdadeiro,
Mestre do realismo exato e minucioso,
Obrigado, obrigado!
Mas se fosses mágico,
Penetrarias até ao fundo desse homem triste,
Descobririas o menino que sustenta esse homem
O menino que não quer morrer,
Que não morrerá senão comigo,
O menino que todos os anos na véspera do Natal
Pensa ainda em por seus chinelinhos atrás da porta.

(“Natal” de Manoel Bandeira.).

Tinha dia santo o ano inteiro. Dias de guarda e de meia guarda dia santo e meio santo. Santos festivos, que nem no mês de junho e julho. Por que no mês de junho eram os santos que todos conhecem, que começava com São Norberto dia 6, Santa Margarida dia 10, Santo Antonio de Lisboa dia 13, natividade de São João Batista no dia 24 e por fim dia 29, de São Pedro e São Paulo.

Mês de julho então era aquela boniteza mais grande, não tinha igual; começava no dia 1, com a festa do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor, seguido de uma trezena, treze noites com terço cantado, ladainha cantada, sermão e a solene bênção do Santíssimo Sacramento. Depois da bênção uma voltinha no jardim “tirando linha” co’as moças e então, perna prá roça. Terminada esta trezena, vinha a de Sant’Ana. O dia de Sant’Ana é 26 de julho mas o padre sempre espichava um pouco prá mode a festa cair no último domingo.

Festa, não: festança. Semana de quermesse, um mundo de barracas de as coisa, renda prá cá e prá lá, correio amoroso — ah! o correio amoroso, melhor jeito de quebrar o embaraço, o encabu-

lamento de falar co’as meninas, quanto casamento (acho que todos não nasceram daí? E o leilão no domingo então! Havéra de havê coisa tão esquentada? Quanto me dão, quanto me dão, e medão das brigas nos lances, tinha que ter o padre Damião sempre por perto, não acontecesse de se pegarem à faca? É 2\$000 (dois mil réis) prá Nho Vicente num levá! E tome lá mais um tostão de nho Vicente, quem num leva é nho Zeca! É 2\$100 (dois mil e cem) quem dá mais? A filha de nho Zeca tava de namoro co filho de nho Vicente e este não queria o parentesco “daquela gentinha” e o leilão era a faisca no paiol.

No entardecer do domingo de Sant’Ana — éta ferro, rojão de moiteiro, treis cada veis, de lágrimas, varêta caindo na cabeça, correria mais gostosa, risadaiada por tudo — começava a congada. Suas danças, seu exercito de generais, soldados e coroneis, cada um inventava uma farda mais bonita que a outra. Bonito prá caboclo é colorido, então vejam só quantas cores, todos com guizos no tornozelo marcando o bumba do batuque. E os versos então? Ora já se viu dizer “o nho rei mandô dizê”? A congada era misturaça de brancos e pretos, mula-

tos, cafusos e caborês que ninguém sabia que era coisa africana. Pois o rei que ia ser coroado era branco, nho Belardo, rei de todo ano, q’ele conhecia todos os passos da congada e todos os cânticos. Era musico da banda, e o q’ele não conhecia ele inventava, porque inventivo que nem ele não havia igual. Pois é. A congada. Pois não foi que Padre Damião inventou de coroar o rei na igreja, diante de Sant’Ana? Pois foi. E aconteceu que todos da congada tinham que entrar na igreja em estado de graça, confessados e comungados. Então de manhã era a comunhão dos da congada. Estado de graça; quando, Senhor, neste mundo de hoje conseguiremos outra vez andar em estado de graça? Acho que nem sabemos mais o que é isto.

Então havia o tempo festivo de junho e julho. Mas havia a Quaresma. Quarenta dias de penitência. Quarenta dias

de jejuns e meio-jejuns. Nas quartas feiras não se podia comer carne, era dia de penitência.

Nas sextas feiras era dia de jejum pra quem tivesse mais de sete anos, primeira comunhão já feita. Varados de fome, minha irmandade inteira, até as meninas, garravam o mato procurando fruta prá comer, e comia-se de tudo, que a fome é má conselheira. Araçá, goiaba, guabioba, maminha-de-cadela, maria-preta, grão-de-grilo, pitanga, cambuci, até ananás brabo a gente comia; com muito cuidado pra não queimar os beiços e o queixo. Parecia que Jesus fazia até de propósito porque na Quaresma quase não havia “fruta”, era tudo temporã, tudo ruim, pé de uvaia, nem uma, nem prá remédio. Nem ingá, nem fruta-do-conde, nem rabo-de-mico. Nada. Porcaria de sapucaia que quando a gente andava de barriga cheia era um dilúvio de amêndoas despendendo na cabeça, o

pixidio machucando o couro dos cabelo. Nem tempo de banana era. Jejum brabo era a da “sexta fêra maió”, que só terminava quando estourava as aleluias no meio dia do sábado, bendita hora da comilança!

Havia também a noite do medo, de 26 para 27 de setembro, dia dos santos irmãos Cosme e Damião, noite de feitiçarias e dos malfeitos, velas, sapos de boca costurada, bonecas alfinetadas em caixas de sapatos pintadas de negro, galinham preto sacrificado na faca, encruzilhadas assombradas, o diabo à solta... medo aflito, minha vó murmurando rezas e defumando a casa. Não acontecesse de alguém se vingar da gente, de uma má palavra ou de um mal-feito sem querer, que ninguém queria o mal pra ninguém. Era o dia de procurar nha Fulana ou nho Sicrano, teriam ficado “sintido” co’a gente em tal ou qual dia?

— Ói, que praga no dia dos Santos Irmãos péga...

Por fim o mes da luz, da Santissima Luz!

No dia 30 de novembro, dia de Santo André Apostolo, começava a novena da Imaculada Conceição da Santissima Virgem Maria que terminava no dia 8, novena solene. No dia de Santo André, dia 30 de novembro, tinha que arejar todos os pertences do presépio. La, iam pro sol todas as imagens do presépio e do oratorio, e mais os patinhos de celuloide, os carneirinhos e vaquinhas e burrinhos e bichos que não se sabia bem o que eram, todos de barro ou massa não sei do que, tudo pro sol, até o caco de espelho que ia ser o lago dos patinhos de celuloide. Tinha também um peixe, de celuloide; os treis reis magos — Baltazar, Belchior e Gas-

par — ninguém sabia quem era quem, todos parecidos e faltando pedacinhos. O resto era recortes de revistas e almanaques. Recorte de automóveis, bicicletas, aviões da grande guerra mundial. Na hora de armar o presépio começava a encrenca. Os montes e colinas de areia, as plantinhas e os musgos, um que queria colocar a vaquinha bebendo água no lago e outro queria por o peixe pendurado na gruta.

Durante o mês, todas as noites tinhamos que pedir o nosso presente ao Menino Jesus, para que nos mandasse pelo seu portador o Papai Noel, São Nicolau. Pedisse o que pedisse, o que vinha era sempre bolas pros meninos e bonecas para as meninas. Até hoje não sei se o Papai Noel é São Nicolau de Tolentino (10 de setembro) ou de Mira (6 de dezembro); mas parece que o interesse em torno do momentoso assunto não é dos maiores.

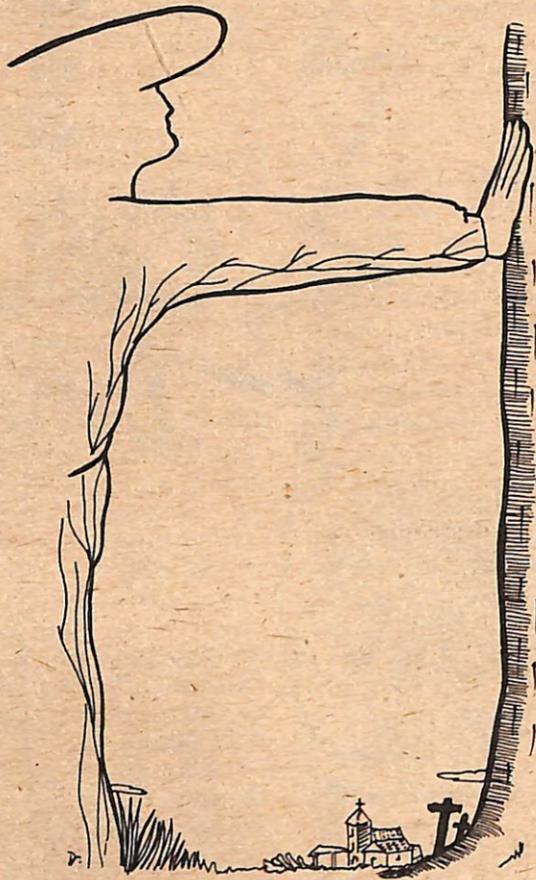
Sempre coloquei os meus sapatos aos pés da cama, mas sempre desejei que o presente não viesse pois o medo que eu tinha do Velho era demais; e a bola sempre veio. De borraça. Com destino certo, na direção da cerca de arame farpado.

Dezembro era reza na Matriz toda noite, com bênção do Santissimo; a vespera era com hora de guarda o dia inteiro ali no Venites Adoremus até a hora da Missa do Galo, as dez da noite. Chegávamos em casa, por tarde que fosse, sempre antes do Velho, com os joelhos carocudos da seajelhação o dia inteiro.

Hoje o Pai Noel não é mais o mensageiro do Menino; mas continua trazendo presentes para todos os comerciantes do mundo inteiro.

Feliz Natal.

O Bartimeu



FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6-8460

SUPERMERCADO ELIAS



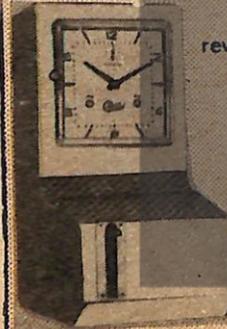
ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775

ESTACIONAMENTO PROPRIO

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado em Iundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427 FONE: 6-8231

DOCEIRA JUNDIAÍ

DISTRIBUIDORA DE: doces

balas chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO DO PANETONE DOO RUA DR. TORRES NEVES, 292... 6.7400 O TELEFONE DOCE DA CIDADE



Tranquilo começa com "T" Relógio também.



TECHNOS
O SUIÇO MAIS PONTUAL DO MUNDO

tem agora no
"TRANQUILÃO"
o seu mais novo
revendedor.



GANHE NA SUA COMPRA!

Na compra de um Technos automático você ganha inteiramente grátis um despertador.

8 meses para pagar, sem entrada. 1.^a prestação 30 dias após a compra.



Technos Homem -
Automático -
Incabloc -
Calendário Duplo -
Pulseira superespecial



Technos Homem -
Calendário Duplo -
Incabloc -
Automático -
Linda Pulseira -
Mostrador de várias cores



Technos Senhora -
Linda Pulseira -
Vidro facetado -
Mostrador de várias cores -
Incabloc



Technos Homem -
Automático -
Incabloc -
Calendário Duplo -
Várias cores e desenhos espetaculares de mostradores

Technos Senhora -
Calendário Duplo -
Automático -
Mostrador em várias cores -
Linda pulseira -
Caixa com superdetalhes



TRANQUILO

Av. Dr. Olavo Guimarães,
250 e 297

Telefones: 6-5712 e 6-8448

JUNDIAÍ-S.P.



Mande notíssias

SANDRO VAIA

Caro primo Irdeu: Espero que esta vá encontrarlo com saude junto ao seus. Escrevolhe para te contar-lhe as novidades pois que há muito tempo não lhe vejo nem ao seus.

Aqui em casa vamos tudo bem inclusive Zuleikinha passou para o terceiro ano finalmente e ainda vai fazer corte costura com dona Luzimara. O Junio está vendo se arruma emprego de cobrador de onibus porque toda ora compra calça boca de sino e disco dos Didaiamondes, e já lhe falei para ele que não tem dinheiro que chegue.

As enxacuecas da Dete já tão melhores que o Inepesse deu prá ela 4 injeção na veia e

ela sarou. Agora deu de querer comprá uma televisão nova que a velha não anda boa de são, só de image e ela não gosta de ficar só ovindo Silvio Santo sem vê.

Tamos esperando que voce e o seus apareça de novo para passeá afinal deixou amigos aqui que não te esquece.

A cidade fico muito diferente do tempo que voce e o seus foi embora. Moreu seu Lô, dona Bianca e o Agustinho também morreu, coitado sofreu muito.

Milton foi embora com o seus para Lavras, diz que

cunhado que cria porco e mais galinhas.

Fizerão uma big avenida toda de azfalto ali embacho daquela avenida de entrada que você quando vier junto com os seus vai ser dificiu de reconhecer. Ela é cheia de luz e passa um riozinho no meio dela que é muinto bacana.

Fizerão também uma estação rodoviária e agora fazeirão outra perto daquela ainda mais grande, seu Tião é que me conto. Vai ter bastante onibus e quando voce vim nos visitar junto com os seus vamos te esperar lá. Vai ficar bonito porque tirarão aquela tranquera de arvoles velhas

para caber mais onibus de muitos lugares.

Otro dia teve aqui um festival de futebol e veio o Corinthia e fui lá com o Junio mais Nego e Osvarado ve o timão jogar. Diz que foi o prefeito que trouxe para fazer omenagem ao povo da cidade no dia do aniversário dela e não do prefeito mas paguei 40 cruseiros e pensava que fosse de graça mas não era. Veio também o Framengo do Rio e um time gaúxo que não se lembro o nome. Jogaram tudos contra tudos e até o Paulissta jogou também e no fim o Framengo fico campeão mas acho que o Corinthia não é mais igual os

tempos de Bautazar e Girmal, porque não deu muinto gosto de ver ele jogar. No fim derão uma tassa para cada um e eu não sei que torneio é esse que tudo mundo ganha tassa, isso nem no festival do Sete tinha, se lembra?

O povo aqui tão falando que o prefeito isso que o prefeito aquilo mas eu não mecho com política voce sabe muinto bem disso, e na proxima votassão também acho que não vou vota naquele tal de Qercia que falou, prometeu mundo e fundos e até agora não vi ele faze nada. São tudo igual, viu? Irdeu.

Agora acontese que já estão

ficando tarde e amanhã precizo levantar cedo para pega no batente que aquele contra-mestre não dá moleza.

Nos eu e mais a Dete estamos pensando em ir até a sua cidade fazer uma visita para voce e o seus e por isso estava esperando sair o 13 salário, pode ser ainda que a gente apressa, mas apesar de ser uma boa lonjura.

Espero notíssias suas e espero que tudo esteja bem com voce e com o seus, despeso-me sem mais e felis Natal se não se vermos antes Virson

Fininho, apelido do ex-policia Ademar Augusto de Oliveira, perdeu completamente a sua misteriosa auréola de intocável — aquele homem com prisão preventiva decretada pela Justiça e que, apesar disso, era visto com frequência pelas ruas de São Paulo, sem ser molestado por ninguém.

— A moral da Polícia estava no rodapé — confidenciou-me, há pouco tempo, o secretário da Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, ao comentar o que acontecia nesses tempos.

De fato, as coisas haviam atingido tal ponto que o secretário não dizia "bom dia" quando chegava ao seu gabinete, na avenida Higienópolis, todas as manhãs. Em vez de responder aos cumprimentos, o coronel Erasmo Dias perguntava: "e o Fininho?"

Assim, por determinações expressas do secretário da Segurança, uma equipe especial de policiais saiu à busca de **Fininho**, prendendo-o quando, tranquilamente, ele entrou em uma agência bancária do bairro do Parri para descontar um cheque.

Agora, encarcerado na Penitenciária do Estado, **Fininho** sentou-se na semana passada no banco dos réus do II Tribunal do Júri, onde foi conde-

nado a 14 anos de reclusão. Isso porque, no sábado de carnaval de 1970, ele deu uma facada que acertou a femural direita de Mauricio Franco, barbeiro do Deic e traficante de entorpecentes. Mauricio, horas depois, morreu no Pronto Socorro da Santa Casa de Misericórdia.

A outrora poderosa corporação do "Esquadrão da Morte", que antes cercava **Fininho** de todos os cuidados e proteções, abandonou-o de vez. Há pouco tempo, recebi uma dramática carta do expolicia. Nessa carta, **Fininho** me dizia que havia sido completamente abandonado pelos antigos companheiros; que é obrigado a permanecer vinte horas por dia na sua cela, porque corre risco de vida permanente entre os outros presos — muitos dos quais ele prendeu quando no exercício de suas atividades policiais.

O fato é que, além desses 14 anos de reclusão, **Fininho** responde ainda a mais 22 processos, todos por crimes atribuídos ao chamado "Esquadrão da Morte".

Plantão

Os sucessivos e exgarados adiamentos do julgamento feito na semana passada irritaram os representantes do Judiciário. Afinal, uma hora o advogado alegava estar "afônico"; outra hora, havia cortado o dedo (o que, me parece, não o impediria de falar). E, no júri da semana passada, o que se assistiu em São Paulo foi um desfile de argumentos pueris, seguido de outro desfile de façanhas atribuídas a **Fininho**, quando o mérito das pertencia a outros policiais. Como, por exemplo, a prisão do "Bandido da Luz Vermelha" e de "Sete Dedos".

Além disso, a figura de **Fininho**, mastigando bombom no banco dos réus, não ficou muito simpática. Na verdade, a única alternativa era de ordem técnica: ao contrário do homicidio qualificado, tese da promotoria, a defesa poderia arguir lesão corporal seguida de morte.

Enfim, prevaleceram os argumentos do promotor Alberto Marino Júnior, experiente acusador em júri popular, e a condenação veio de

forma insofismável, com a dosagem da pena sendo feita pelo juiz Manoel Abrantes Veiga de Carvalho.

Para se ter uma idéia do isolamento de **Fininho** nos dias atuais, basta dizer que seus advogados o defenderam gratuitamente.

Em troca, obtiveram apenas uma "promoção", no caso sinônimo de um eventual trânsito livre em certas áreas policiais, dentro do interesse de outros inqueritos.

É o fim melancólico do "Esquadrão", pelo

Percival de Souza



menos para a chamada raia miúda. Tempos atrás, fiz uma citação aqui. No caso, ela vale a pena ser repetida: "as leis são como as

teias de aranha; os pequenos insetos prendem-se nela, e os grandes rasgam-nas sem custo".

Percival de Souza

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA
Rua Padre Anchieta, 476
Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL
Rua Rangel Pestana, 222
Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CASSIA
Praça Rotatória, s/n. — J. Messina
Fone: 4-1666

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

Natal cristão?

Era só um quarto. E tinha uma janela. Era um quarto pequeno e vazio, sempre vazio, por mais que lá entrassem pessoas. Tinha uma estante de livros de belas lombadas e folhas ainda ligadas. Era pequeno e triste, mesmo com a música ritmada que a eletrola do canto tocava.

Era um quadro vazio, onde a alegria dos ocupantes morria assim que deixava o autor, e os outros nada viam e nada ouviam, e todos falavam e todos riam. E os rostos convulsos, introspectos, não povoavam o quarto.

Da música ritmada, da estante-adorno, dos quadros-enfeites, da alegria morta, da conversa muda e da visão cega, era assim o quarto.

Era um quarto triste, mas tinha uma janela.

Mas, por que chegar-se a ela se tudo ia bem? Se dela, noite ou dia, seriam diferentes as visões, porém seriam positivas? Se por ela veriam-se

quadras de luzes perfiladas e cintilantes cercando escuros, firmes traços de luminosidade forte que adentravam conglomerados claros, enorme tabuleiro claro-escuro? Se por ela ouviriam-se apitos longos a patrulhar a noite, buzinas distantes procurando chegar, sofrendo partir? Uma quietude de alegria pura a banhar o resto do tempo. Noites de amor em auréolas de esperança.

Se por ela veria-se o céu azul, um casario de telhados novos, ruas de movimento febril e praças verdes? Se por ela ouviria-se do trabalho a sinfonia e da passara a cantoria?

Era um quarto triste em que a galanteria dos uísques e canapés, do riso forçado, das discussões filosóficas de quatro paredes evitavam que se chegasse à janela, impediam que se visse o mundo, o povo cinza, a fumaça negra, a criança magra a pedir esmolas, mães maltrapilhas a colher lavagem, a favela pobre, e que se ouvisse da fome o choro fraco e da doença a sirene forte, do estrupo o lamento e do lenocínio a exploração.

Era só um quarto pequeno e vazio, com festivos ocupantes, com um tilintar de taças, com uma estante virgem, com uma vitrola musicando protesto, com discussões filosóficas estéreis.

Mas no pequeno quarto tinha uma janela

Porém, para chegar-se a ela? Se havia no canto do quarto um presépio e um pinheiro iluminado? Se havia uma mesa rica de castanhas e nozes? Se podiam trocar presentes caros? Se lhes era permitido contribuir com o Natal dos pobres? Se logo mais seria meia-noite e iriam comungar na Missa do Galo?

E o quarto triste tinha uma janela.

Wolf Hebert Nossak

As dúvidas e as vírgulas anônimas

Sr.: Foi com grande pesar, que me calu nas mãos, um exemplar desse jornal (nº 21).

Lí, rell, tornei a ler. Procurei, por todos os meios, saber qual a finalidade das matérias publicadas. Cheguei às seguintes conclusões:

1º — tornar duvidosa a opinião dos eleitores, simpaticizantes da atual administração;

2º — desopilar seus fígados, agredindo pesadamente um seu semelhante;

3º — como a inveja matou Abel, talvez esteja aí, a tal finalidade;

4º — talvez, algum candidato, em potencial, à prefeitura de nossa cidade, esteja preparando o terreno, ou melhor dizendo, semeando ervas daninhas, para depois que for coroadado, oferecer "graciosamente", o antídoto para exterminá-las, e ser aplaudido como um benefactor da humanidade;

6º — simplesmente não ter o que fazer, e inventar uma maneira de preencher o tempo, preenchendo a paciência dos outros.

Pergunto: Qual seria? todas elas? algumas? ou outra, talvez impubli-cável?

E mais — Já que esse jornal é o dono da verdade, esclarecedor, etc., etc., porque certas matérias são assinadas com pseudônimos, ou não são assinadas? (O prenúncio da tempestade).

Cadê a coragem e a responsabilidade?

Gostaria também de saber, quem são os proprietários desse jornal; publiquem os nomes porque assim estaremos jogando às claras.

Pensei também em um pormenor. Porque esse jornal é impresso em Sorocaba, e não em nossa cidade, a qual vocês adoram tanto? haveria emprego para mais alguns jundialenses, não é mesmo? o que estão temendo?

Agora uma sugestão, se me permitem: complete o nome do jornal.

Jornal de 2ª Categoria — ótimo para acender fogão à lenha, embrulhar lixo, forrar fundo de gaveta, e se você tiver um cachorro em casa, espalhe as páginas no chão, que servirá como ótimo absorvente de urina.

Se vocês não gostaram da apreciação, reajam violentamente e publiquem esta carta na íntegra.

Estarei esperando...

PS. "Quando vires um homem atacado encarnadamente, com furor por toda espécie de gente, e por toda espécie de meios, podes estar certo de que se trata de um homem de muito valor" (Sainte-Beuve).

Esta jóia da literatura nos foi remetida por um infeliz anônimo, a quem chamaremos de Rei da Vírgula, para efeito didático.

Caro Reizinho: normalmente a gente joga fora as cartas anônimas (de anônimos chegam os nossos colaboradores!). Com a sua, porém, foi diferente: reunimos a Diretoria (cujos nomes vocês jamais saberá, hi, hi, hi, hi!) e chegamos a conclusão de que, publicando suas vírgulas, a gente estaria faturando mais 2 cruzeirinhos seus. E um leitorzinho como você bem vale 2 cruzeirinhos, hi, hi, hi, hi!

Rei da Vírgula, você acertou nas seguintes sugestões: a nº 1, a nº 2 (exceto no que se refere ao seu semelhante), a nº 4 e a nº 5.

A sugestão de nº 3 você errou. Aliás, você não é o primeiro a achar que a gente anda querendo matar alguém. Esconjuramos!

Quanto às suas perguntas, a certa é a última: as matérias publicadas no Jornal de 2a. são por razões impubli-cáveis. Portanto, é estúpido da sua parte exigir coragem e responsabilidade da gente. Ou o nome dos proprietários. Como é estúpidez sua querer saber porque nós imprimimos o jornal em Sorocaba. Aliás, tudo na sua carta é estúpidez, o que faz de você, Rei da Vírgula, uma pessoa muito coerente.

Pra finalizar, seus ataques encarniçados nos fazem, também, merecedores da citação no PS da sua carta. Obrigado, Reizinho. E vá fá.

Recebemos e agradecemos as saudações de Natal e Ano Novo dos leitores e amigos: Construtora Jundial Ltda., Sindicato dos Empregados no Comércio de Jundial, Francisco Siqueira Filho & Cia. Ltda. e "Lago Azul" Sociedade Comercial e Hoteleira.

A Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas Seção Regional de Jundial, tem a grata satisfação de convidar Vs. Sas. para o jantar de Natal, que fará realizar no dia 20 de dezembro, às 21 horas no Restaurante Balaio. Aylton Mario de Souza -Presidente-

CREDI REI S.A.

AGRADECE A PREFERÊNCIA COM QUE FOI DISTINGUIDO POR SEUS CLIENTES E AMIGOS DURANTE O ANO DE 1975 E DESEJA A TODOS UM NATAL CHEIO DE PAZ E ALEGRIA E UM ANO NOVO PLENO DE VENTUROSAS REALIZAÇÕES.



REI DAS
ROUPAS
FEITAS

barão

782-788

Encerrando "com chave de ouro" o ano de 1975 e aproveitando o ensejo das festas natalinas para comemorar a sua 25ª semana de ininterrupta circulação (ufal), o **Jornal de 2ª Feira** apresenta a seus ilustrados leitores — e muito especialmente aos eleitores de Jundiá — uma visão do ano político que se avizinha, trazendo às suas páginas centrais os depoimentos dos principais interessados: Rubens de Luca, presidente da Arena; Abdoral Lins de Alencar, líder do Mdb; Jayro Maltoni, deputado estadual por Jundiá, pelo Mdb; Pedro Fávoro, ex-prefeito e inconsolado viúvo da Prefeitura; Walmor Barbosa Martins, também ex-prefeito e confesso político mineiro; Ademércio Lourenção, nova revelação da política jundiáense, em quem o Mdb deposita muitas esperanças; Vitória Furlan de Souza, a alma feminina da Arena; João Fernandes Gimenez Molina, cidadão que não aceita a omissão dos homens da terra e por isso se inscreveu no Mdb. Completa esse quadro o ex-emedebista Arnaldo Carraro, que trocou o partido pelo cargo de secretário dos negócios internos e jurídicos da Prefeitura, e diz também algumas palavras (mais precisamente 4) à reportagem do **J.2ª**. Com vocês, os entrevistados.

O que pensam os interessados?



Walmor: muito ocupado



Ademércio: pouco entusiasmado

Walmor, evasivo

O ex-prefeito Walmor Barbosa Martins não pretende retornar à política. Pelo menos é isso que ele tem dito a todos os amigos que o procuram para saber se será candidato em 1976 e o que também afirmou ao **Jornal de 2ª** ao ser indagado a esse respeito, porém, sem conseguir disfarçar o seu gênio eminentemente político. Estas foram as perguntas do repórter e as breves e evasivas respostas desse entrevistado:

J.2ª — Caso for convocado por seu partido (Arena) para disputar a Prefeitura em 1976, você vê alguma possibilidade de atender a esse chamado?

Walmor — Não, não vejo.

J.2ª — Acha, contudo, que a Arena tem condições de vencer esse pleito?

Walmor — Eu acho que é muito cedo ainda para fazermos um prognóstico.

J.2ª — A administração atual poderá favorecer a Arena no pleito de 76?

Walmor — Ainda não tive tempo para fazer uma análise da atual administração municipal, dado aos inúmeros afazeres de ordem profissional, que me têm tomado todo o tempo.

J.2ª — Embora afirme que não pretende retornar à política, é certo que não cancelou ainda sua inscrição da Arena, é ainda um membro do partido situacionista. Portanto, esta apto a disputar qualquer pleito. Está certo isto?

Walmor — Quanto à minha filiação partidária, acredito que os registros dos cartórios eleitorais da Comarca têm anotados os nomes dos inscritos na Arena e no Mdb, aliás, registros estes de fácil pesquisa.

J.2ª — Como simples eleitor, deixando-se de lado a questão partidária, se estivéssemos às vésperas de uma eleição, qual seria, dentre os vários nomes que vêm sendo apontados como prováveis candidatos em 76, aquele que você considera mais apto a assumir o posto de prefeito na sucessão do sr. Ibis Cruz?

Walmor — Eu estou — e isto é sabido, todos os meus amigos sabem — eu estou procurando me afastar da política. Deixemos às águas rolar para vermos o que vai acontecer.

Ademércio: uma Prefeitura menos rica e o povo menos pobre

O advogado e empresário Ademércio Lourenção foi uma das figuras que mais se notabilizou na política jundiáense, nesses três últimos anos, pela sua persistente oposição ao método administrativo do atual prefeito do Município. Isto lhe deu a condição de um dos nomes mais cotados para concorrer ao pleito de 1976 como candidato a prefeito pelo Mdb. Entretanto, em sua entrevista, ele pesa vários pontos negativos que vem adiando a sua decisão. Estas foram as perguntas formuladas pelo **Jornal de 2ª** a esse empresário:

J.2ª — Empresário Ademércio Lourenção, se ocorrer a sua convocação pelo Mdb para disputar as eleições municipais de 1976, aceitará o desafio?

Ademércio — Quero, antes de tudo, deixar claro que o Mdb tem todas as condições para vencer o pleito municipal do próximo ano. Quanto à minha participação, nada posso adiantar ainda, pois não tive tempo até agora de pesar essa possibilidade. Tenho minha vida toda tomada por uma porção de coisas e muita responsabilidade. Pretendo, evidentemente, contribuir e ajudar para que elementos de gabarito se apresentem — os políticos, no caso — e que se force a criação de uma elite política nunca existente neste Município; só assim é que os interesses reais da comunidade serão a médio e longo tempo resolvidos, e não da forma com que as coisas vem sendo conduzidas nesses últimos anos, quando a administração se prende à vontade emocional de um homem que é guiado pelo povo e nem sempre atende à aspiração desse mesmo povo que o elegeu.

J.2ª — Sem ter se definido ainda quanto à sua participação no pleito, mesmo assim acredita que o Mdb tem condições de eleger o próximo prefeito de Jundiá e que seja essa uma boa oportunidade para o partido oposicionista realizar um bom governo?

Ademércio — Que o Mdb tem todas as condições para vencer o pleito, eu não tenho a menor dúvida, lógico, desde que apresente candidatos à altura do cargo, homens com controle emocional perfeito, que queiram realmente fazer uma administração com homens da terra, que arrebanhem elementos capazes para os postos. Quanto ao fato de ser ou não bom para o Mdb vencer esse pleito, paira uma dúvida. Se realmente é verdade o total dos empréstimos anunciados, se o prefeito atual fizer o levantamento dos empréstimos aprovados pelo Legislativo, decorrente da Resolução do Senado e da aprovação da mesma pelo Banco Central, me parece que o Município está endividado por muito tempo; daí, então, só poderia o Mdb se interessar em vencer as próximas eleições se em 1978 o

Governo do Estado passar às mãos do mesmo partido; nesta hipótese, é evidente que se poderá fazer um reescalonamento da dívida e tentar-se, com uma planificação a longo prazo, resolver o problema da infra-estrutura da cidade, no meu entender totalmente abandonada. Porque, veja o seguinte: ninguém e também nós não somos contra o plano viário; o que somos contra a oportunidade imediata de sua feitura — ele poderia ser realizado em várias etapas, em diversos governos, segundo as necessidades, aprontando-se os trechos mais necessários para resolver o problema mais urgente da comunidade. Eu pergunto: o Córrego do Mato, em que resolveu o problema de Jundiá no momento? Não poder-se-ia fazer essa obra em três ou quatro mandatos e aplicar-se uma parte das verbas gastas até aqui, buscando-se resolver problemas mais cruciantes para o povo?

J.2ª — Diante dessa situação, que se apresenta realmente crítica, ainda assim compensaria ao Mdb o sacrifício de ir às urnas?

Ademércio — Eu acho que sim. A dificuldade é encontrar-se homens que se proponham a correr o risco de não ter oportunidades de resolver — ou de tentar resolver — programativamente os problemas básicos para que a cidade se desenvolva num conjunto harmonioso, dado que, da forma como as coisas se fizeram nesses últimos três anos, me parece que se atendeu mais ao aspecto pessoal, de endeuamento, de realização de um homem, do que os anseios de uma população.

J.2ª — O homem que o Mdb precisa encontrar seria então um que aceitasse receber uma cidade já em concordata? Seria esse o caso?

Ademércio — Não sei, porque os números, os dados oficiais, eu não os tenho ainda em mãos. Mas pelo que tudo indica, pelo que se anunciou, pelo que é o orçamento real do Município, se 70% é o endividamento permitido e se os empréstimos do ano anterior já foram levantados e os deste ano forem feitos também, Jundiá estará gravemente endividada, sem possibilidades de fazer nenhum empréstimo, porque está comprometida por quatro anos. E eu pergunto: de que maneira se arrecadaria mais fundos? Onerando-se, acabando-se com o humilde orçamento doméstico do povo com novo aumento do tributo dos impostos predial e territorial? Isto criaria, evidentemente, um grave problema social. Seria muito mais interessante ter-se uma Prefeitura menos rica e um povo menos pobre, porque, da maneira como as coisas estão colocadas, me parece que, se o reajustamento dos impostos for na queda da moeda, muitos municípios não estarão em condições de arcar com essa forma tributária.

Ao Mdb não faltarão candidatos

Palavra de Jairo Maltoni

Nas eleições de 1968, a primeira de cunho municipal de que participou, o Mdb não teve condições de apresentar mais que um candidato, ficando a disputa praticamente circunscrita ao lado arenista. Nas eleições seguintes, em 1972, o Mdb precisou recorrer à candidatura do deputado Jairo Maltoni (que com isso não arriscava a perda do seu mandato) para conseguir concorrer com

pelo menos dois candidatos a prefeito, assim mesmo ficando o seu quadro de candidatos à Câmara bastante desfalcado. Segundo agora afirma o deputado oposicionista, para 76 o Mdb não terá problemas dessa ordem. Ele apresenta até uma relação de nomes que poderão estar disputando o pleito de daqui quase onze meses. Abaixo, a sua entrevista.

J. 2º — Deputado Jairo Maltoni, em sua opinião, o MDB terá condições de disputar com êxito as eleições municipais de 1976?

Jairo — As condições do MDB são excelentes, são as mais tranquilas possíveis. Nós estamos trabalhando já há alguns meses, visitando as bases para sentir de que forma os nossos candidatos deverão manter o seu diálogo com o eleitorado. E o que estamos sentindo é que nas administrações anteriores, da ARENA, não houve a preocupação de se resolver os problemas mais importantes da cidade, os problemas de infra-estrutura; Jundiaí cresceu desordenadamente, deteriorando-se as condições básicas de sobrevivência e promoção humana aqui. Desde o município mais humilde, até aquele de uma posição mais cômoda economicamente falando, preocupa-se com essa situação e deseja um melhor futuro para a cidade. É exatamente nessa meta que vimos nos debatendo hoje na Assembléia e desde que fomos vereador. Atualmente, com os nomes que temos em evidência para ocupar o cargo de Prefeito Municipal e compor nossa bancada na Câmara, tenho quase que certeza que não será apenas o MDB o vitorioso nas eleições de 76, mas principalmente o povo que estará votando nesse pleito.

Nós estamos preocupados porque se Jundiaí tiver mais uma administração que se preocupa somente com obras suntuosas, com obras que visam somente a perpetuar aqueles que as realizaram, podemos estar certos de que Jundiaí será uma segunda Nova Iorque, que como todos sabem pelo noticiário da imprensa, é hoje uma cidade falida.

O povo está preocupado. E esta preocupação do povo leva o MDB a se fixar na posição de que realmente se faz necessária uma mudança. Enquanto alguns políticos permanecem mais preocupados em satisfazer as suas vaidades, a nossa preocupação é fazer com que esta cidade se recupere rápido e então possa acompanhar o desenvolvimento desejado pelo Governo Federal e que foi uma das metas da própria Revolução.

J. 2º — Então o MDB está realmente disposto a enfrentar os problemas que serão deixados pela administração atual?

Jairo — O medo para o MDB não existe. Medo é sinônimo de covardia, e o MDB não tem medo porque não tem covardes dentro do MDB. Nós estamos preocupados, isto sim, porque o problema que poderia ser solucionado talvez em três, quatro ou cinco anos, com essas responsabilidades, com

essas dívidas que nos serão deixadas, não mais poderá ser solucionado nesse prazo, a solução demandará um prazo maior, talvez de oito, dez ou quinze anos. Então, isto é que vai ser muito ruim. Mas não para o MDB, mas sim para a população de Jundiaí, pois as obras que a cidade realmente necessita irão custar duas ou três vezes mais, quando já poderiam estar prontas hoje.

J. 2º — Mas essa não teria sido a teoria da administração atual, quando se dispôs a executar o sistema viário?

Jairo — Acredito que tenha sido; mas ela foi infeliz porque não realizou as obras prioritárias. Essas obras que estão sendo realizadas hoje, pouco interesse traz para a cidade, mas somente a satisfação de vaidades pessoais de um reduzido grupo. Está o exemplo do Córrego do Mato: qualquer pessoa pode observar que essa obra não tem finalidade alguma, função alguma que beneficie o povo; foi feito ali somente uma pista de ida e outra de volta, sem ligar nada a lugar nenhum. Tive oportunidade de permanecer ali por algumas horas, assistindo o movimento, e era tão reduzido o número de veículos que dava a impressão de que alguém estava pagando para que uns poucos dessem um passeio, para que fossem conhecer

essa avenida denominada Nove de Julho, que nem esse nome deveria ter porque 9 de Julho é uma data tão importante para os paulistas e não deveria ser dada a uma obra como aquela. O nome, enfim, já que a avenida está pronta, nós somos obrigados a aceitar. O que nós não aceitamos são as obras desse tipo, obras faraônicas; o que nós exigimos são obras prioritárias, obras que visem realmente a atender os legítimos interesses do desenvolvimento de nossa cidade.

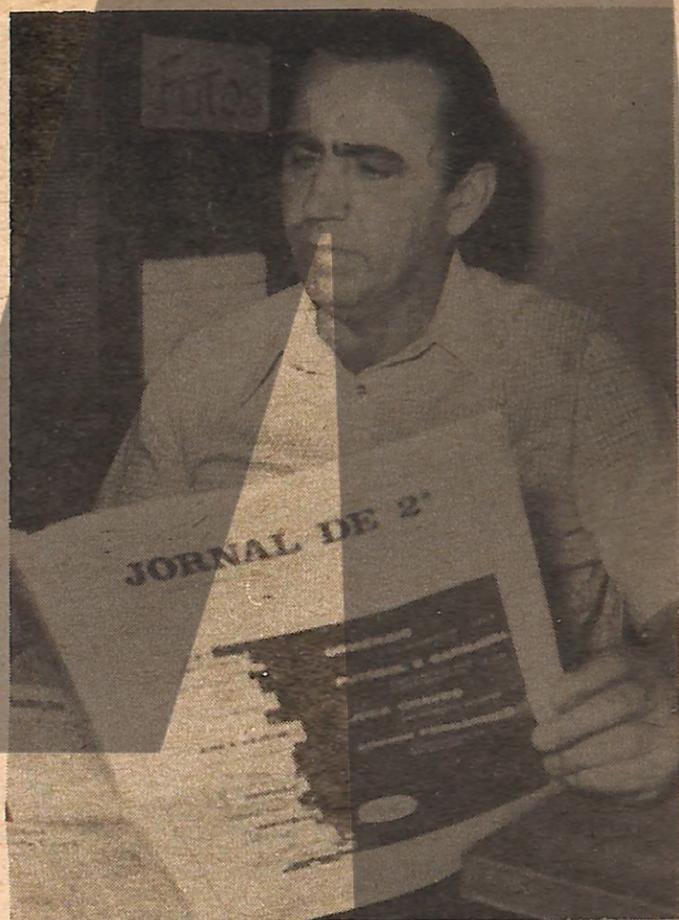
Temos ouvido constantemente afirmar-se que Jundiaí cresce, mas eu diria: Jundiaí incha, Jundiaí não está evoluindo, está sofrendo de inchaço. E com esse inchaço, ninguém sabe o que pode acontecer no dia de amanhã. E nós temos problemas seríssimos para resolver nesta cidade; temos o problema do saneamento básico; temos que construir os emissários de esgotos, porque dentro de cinco, seis, oito, dez anos, talvez que demore mais, nós estaremos sujeitos a uma epidemia que pode atingir toda a população ribeirinha, pois o que se constata ali já não é mais um rio, é um esgoto, um lodaçal, corre um lodo ali. Então, há necessidade que a próxima administração se preocupe com coisas sérias, não com a satisfação de vaidades, moralmente vaidades pessoais.

J. 2º — E o Mdb dispõe de homens capazes de solucionar todos esses problemas? Poderia citar esses nomes?

Jairo — O Mdb é um partido que vem do povo, é um partido que trabalha, sofre com o povo. Então, ele tem sim homens para administrar; não queremos dizer aqueles que apenas se dizem homens, aqueles que se intitulam intelectuais, mas aqueles que trabalham com o povo, que conhecem os problemas do povo e por isso têm condições de resolvê-los. Nós só entendemos como homens aqueles que têm vontade de fazer alguma coisa não pensando no dia de amanhã para o seu engrandecimento pessoal, mas homens que querem realizar, que se preocupam única e exclusivamente com os nossos filhos.

Então, nós temos homens, nós temos condições de sobra, nós temos tudo para fazer nesta cidade tudo o que nós assistimos. que nós conhecemos nas demais cidades, Campinas, por exemplo. Digo isto sem medo de errar: Jundiaí está hoje em último lugar entre os 574 municípios do Estado; é péssimo o desempenho dos homens que atualmente se encontra à frente da nossa administração.

Então, qualquer cidadão que tenha vontade de ser útil, ele não precisa se preocupar com as dívidas contraídas



Jairo: o povo em primeiro lugar

pela atual administração municipal; ele precisa, isto sim, dar a sua contribuição para evitar que esta situação se perpetue em Jundiaí. É um ônus pesado e o povo é que será o sacrificado, como, aliás, já está sendo. Quanto à realização das futuras obras, o Mdb já está com um levantamento, já está em condições de tranquilizar os seus candidatos. Se o Mdb ganhar as eleições, já no dia 5 de fevereiro estará realizando as obras prioritárias que o povo tanto reclama.

Quanto aos candidatos, os nomes que temos são muitos. Inclusive, conversando com o Dr. Wolf, na semana passada, nós comentávamos esse assunto e o que nos parece mais indicado é que o Mdb, na época indicada, reúna seus oito ou dez candidatos a candidatos e deixe que eles próprios concluem quais serão os três mais indicados para concorrer à Prefeitura e os três candidatos à Vice-Prefeitura pelo Mdb. Nós não pretendemos, como deputado, interferir na escolha desses nomes - e também estamos fazendo um apelo ao diretório que aja em igual sentido, para que quando chegar o dia certo nós possamos reunir os quatro, cinco, seis, oito ou dez prováveis candidatos e permitir que de comum acordo decidam quais apresentam melhores condições de concorrer no pleito.

Portanto, o partido vai apresentar uma relação de nomes e a escolha será entre os próprios postulantes. Para compor essa relação já temos vários nomes, como os do dr. Ademércio Lourenção, Dr. Hamilton Proto, Dr. Wolf Herbert Nossak, Dr. Tarcísio Germano de Lemos, dr. Rusk, dr. João Molina, vereador Abdoral Lins de Alencar, dr. André Benassi, Antonio Carlos de Castro Siqueira e outros que no momento não posso ainda adiantar, mas que se acham também filiados ao Mdb e terão condições de fazer uma boa administração pois será uma administração de equipe, na linha proposta pelo partido.

A maior tranquilidade nossa é que o povo que iniciou uma revolução em 74, pelo voto, não pretende parar, deverá continuar para conseguir seus objetivos mais altos. E ganhando as eleições do ano que vem, o Mdb terá condições de dar muito pelo povo desta cidade, inclusive, aí então, contando com uma maior ajuda do Governo, para que no dia de amanhã Jundiaí desponte como uma cidade bem administrada e progressista.

J. 2º - Vários nomes foram citados como possíveis candidatos do Mdb. E o nome do próprio deputado não foi. Não pretenderá ele também mais uma vez disputar a Prefeitura?

Jairo - Eu estranho este "mais uma vez", porque eu não fui praticamente candidato a prefeito nas eleições de 1972. A minha presença naquele pleito foi mais no sentido de prestigiar nossos candidatos a vereadores. Todos sabem perfeitamente que nós iniciamos um trabalho muito tarde, que não tínhamos condições, naquela altura, de conseguir nem candidatos a vereador, quanto mais para prefeito. Mas como precisávamos manter acesa a chama do nosso partido e também precisávamos prestigiar os candidatos a vereador do nosso partido foi que saímos candidato a prefeito. Não tínhamos, em verdade, a pretensão de chegar à Prefeitura naquela oportunidade. Entretanto, posso garantir que essa será nossa meta em 1980, se Deus nos der saúde. Por enquanto, nosso propósito é prestigiar nossos companheiros, dando-lhes esta oportunidade, que, aliás, é a maior de todas que o

Mdb teve até agora em todos os seus anos de existência. Estamos, portanto, empenhados em prestigiar todos aqueles que queiram disputar cargos eletivos pelo Mdb aqui em Jundiaí e em torcer para que eles consigam realizar as obras de infra-estrutura que a cidade tanto precisa, pode se assim acontecer nós estaremos plenamente realizados em nosso propósito.

Carraro: "Fica para outra ocasião"

O ex-vereador Arnaldo Carraro, que se compôs com a administração Ibis Cruz depois de disputar duas eleições pelo Mdb (no pleito de 1972 obteve a segunda maior votação entre todos os candidatos) e hoje se encontra no posto de vice-presidente do Diretório Municipal da ARENA, não se dignou a conceder entrevista ao *Jornal de 2º*, apesar de seu nome também ter sido relacionado como

um dos prováveis candidatos à Prefeitura de Jundiaí no ano de 1976.

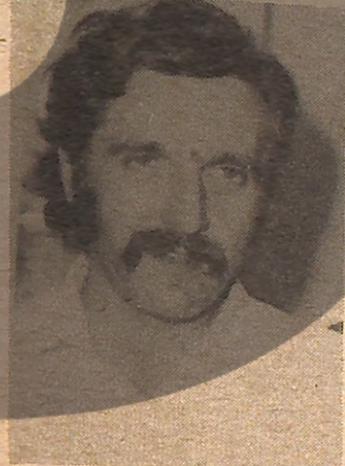
Procurado pessoalmente pelo redator-chefe deste semanário, Carraro disse que não queria sua entrevista gravada, isto em razão de uma resolução da Comissão Executiva de seu partido no sentido de que seus membros só fizessem declarações por escrito. Ficando com o questionário da entrevista,

comprometeu-se a entregar no dia seguinte as respectivas respostas por escrito.

Na quinta-feira Carraro recebeu a visita do fotógrafo do *Jornal de 2º*. Não quis ser fotografado.

No final da tarde desse mesmo dia, atendendo ao combinado, o redator-chefe compareceu ao seu gabinete em busca das suas declarações a respeito do ano político de 1976. Constrangido, Carraro explicou que preferia não se manifestar já sobre o assunto objeto da entrevista, pois quisera ter antes um contato com o presidente do Diretório da ARENA, dr. Rubens de Lucca, sem contudo ter sido possível encontrar-se com o mesmo nas últimas 24 horas. "Fica para outra ocasião", falou ao despedir-se do jornalista.

76 ANO POLÍTICO



Dr. Rubens confia numa vitória da Arena e acha que as sub-legendas ajudarão

O médico Rubens de Luca, que sucede ao pai, o ex-prefeito Nicolina de Luca, mantendo a tradição política da família, detém hoje o posto de Presidente da Comissão Executiva da Arena em Jundiá. Sua primeira intervenção direta na política jundiáense deu-se em 1974, quando disputou uma cadeira na Assembléia Legislativa do Estado pela Arena. Sua visão do ano político de 1976 é das mais otimistas, conforme deixam ver as suas declarações nesta entrevista.

J. 2º — Dr. Rubens de Luca, como presidente da Arena local, o que pode dizer sobre as possibilidades de seu partido nas eleições municipais de 1976?

Rubens — Meu partido persegue, hoje, uma plena adequação ao momento histórico em que se encontra o país. Quando atingir o estado ideal, terá a Revolução esgotado os seus objetivos. E posso garantir que a Arena está interessadíssima em apressar esse processo, apesar de reconhecer as muitas providências que ainda estão por serem tomadas. Entre outras, está a Arena empenhada em conquistar o pleno estado de Direito, em corrigir as certamente existentes desigualdades sociais, em garantir ao brasileiro o direito ao voto livre. A medida que formos atingindo essas metas, os êxitos eleitorais irão se sucedendo. Pelo menos esses objetivos me parecem muito mais de acordo com o desejo popular, que a promulgação de leis inconstitucionais e insequíveis como aquela recentemente aprovada pela maioria emedebista na Assembléia, que pretendia tornar obrigatória, em São Paulo, a apresentação de atestado de vacinação contra a meningite para a obtenção de uma série de serviços públicos. Ou mesmo as mesquinhas disputadas provocadas por interesses meramente pessoais, tal como está ocorrendo, presentemente, entre os senadores Quêrcia e Montoro, entendendo aquele que este deve deixar a liderança que ocupa no Senado só pelo fato de ambos pretenderem concorrer à sucessão estadual. Acredito, pois, na vitória de meu partido, tendo em vista as próximas eleições municipais.

Molina: o momento é grave e exige a participação de todos os homens de bem

Entrevista com o João Fernandes Gimenez Molina, engenheiro metalúrgico e membro filiado ao Mdb local.

J. 2º — Engenheiro João Molina, como vê a sua indicação como um dos candidatos a candidato à Prefeitura de Jundiá pelo Mdb no pleito do ano que vem?

Molina — Eu ainda não me decidi e nem posso me considerar propriamente candidato. Realmente é uma tarefa muito grande, uma responsabilidade, porque o Município, na próxima gestão, encontrará problemas tremendamente grandes pela frente, principalmente no que se refere ao aspecto de disponibilidade financeira para programação e execução de obras. Jundiá cresce tremendamente, num ritmo realmente muito grande, por motivo dessa descentralização de São Paulo. Quase que se poderia se dizer que Jundiá é hoje um grande bairro de São Paulo, como uma região preferencial de escolha de tantas indústrias para se instalar aqui. Cresce grandemente o número de habitantes, temos crise residencial e uma necessidade muito grande de planejamento para um crescimento harmonioso da cidade, fornecimento de infraestrutura que demanda uma programação específica de obras e exigência de numerário. E, pelo que se sabe, ou pelo que se pode perceber, a atual administração tem empenhado em grande parte os orçamentos futuros — ou arrecadações futuras — com os empréstimos que tem realizado para uma execução de obras num ritmo muito acelerado, muitas delas sem necessidade ou benefício imediato para o Município.

J. 2º — E o sr. acha que deve caber ao Mdb o saneamento das finanças municipais e ao mesmo tempo a realização das obras de infraestrutura que estão por se fazer?

Molina — Eu considero que o Mdb tem possibilidade muito grande e conta com uma plêiade muito grande de elementos capacitados a dirigir, a administrar a cidade.

J. 2º — Quais as chances de sua ala, especificamente, no próximo pleito em Jundiá?

Rubens — Não entendo uma agremiação política constituída por alas específicas. Admito, isto sim, certas divergências dentro da Arena, fato que reputo altamente positivo na razão em que o confronto de idéias possibilite o necessário debate. Nessa exata medida, está efetivamente a possibilidade da Arena local indicar tres candidatos à sucessão municipal, ocasião em que decidirei por aquele que, no meu entender, reunir melhores condições.

J. 2º — E relativamente à Câmara, a Arena já vem sondando os prováveis candidatos?

Rubens — É certo que o partido já está pensando em nomes, quer para o Executivo, quer para o Legislativo, embora seja prematuro mencioná-los, por não haver ainda nenhuma decisão definitiva.

J. 2º — O sistema de sub-legendas favorecera à Arena nas próximas eleições? Ou acha que esse sistema deveria ser abolido e os partidos concorrerem com um único candidato cada?

Rubens — As sub-legendas deverão ser gradativamente abolidas, na proporção em que se for alcançando a maturidade desejada aos dois partidos existentes. Pontualmente, as sub-legendas favorecem à Arena, por contar ela em sua fileiras com homens mais preparados.

J. 2º — Pessoalmente, vê grandes possibilidades do próximo prefeito realizar um bom governo, em continuação ao atual?

Rubens — Evidentemente, não concebo a idéia de um sucessor abandonar as obras iniciadas pela administração anterior, pelos inevitáveis prejuízos ao município que tal procedimento acarretaria. Agora, fazer ou não um bom governo vai depender das qualidades daquele que vier a ocupar o cargo, pois a ele caberá determinar as diretrizes de sua administração, notadamente no que se relaciona ao critério de prioridades.

Quanto à solução dos problemas a serem enfrentados, evidentemente são tão grandes os sacrifícios exigidos que provavelmente isto poderia ser melhor resolvido com o apoio do Governo. Mas isto exigiria que no plano estadual tivéssemos um governo também do Mdb.

J. 2º — E relativamente à participação da comunidade num governo do Mdb, como é vista?

Molina — Com relação ao apoio da comunidade, acho que os municípios já estão bastante comprimidos com os impostos municipais — o predial, o territorial e as taxas. Eles já estão bastante comprimidos, já estão dando uma contribuição bastante grande. Não me parece que exista possibilidade de se exigir mais dos contribuintes.

J. 2º — Face a isso, a ocasião é oportuna para se concorrer às eleições ou seria o caso de evitá-las?

Molina — Considero que Jundiá tem uma quantidade muito grande de médicos, engenheiros, dentistas, arquitetos, profissionais liberais bastante capacitados, bem como empresários e executivos altamente qualificados para administrar esta cidade, seja qual for a situação dela ao término desta administração atual. Acho que a omissão é sempre uma falha, chega a ser um crime. Nós estamos vivendo um período em que todos os homens, mesmo aqueles não militantes na política, precisam se interessar pelo futuro desta cidade. Verdaderamente, parece muito difícil a próxima administração municipal, no que tange à disponibilidade de recursos. Mas a situação da cidade, hoje, verificando-se o seu crescimento muito grande, muito acelerado, enseja um agravamento dos problemas estruturais, tornando-se necessário que todo homem de bem, todo cidadão, todo habitante desta cidade que deseja uma comunidade melhor, onde a vida seja mais agradável de ser vivida, dê a sua contribuição interessada pelo futuro de sua população.



Fávares diz como a Arena pode vencer

O ex-prefeito Pedro Fávares, único que teve oportunidade de permanecer cinco anos seguidos no cargo (por força da prorrogação de mandatos ocorrida na gestão do Presidente Costa e Silva), mantém-se indissuadível na sua pretensão de retornar à chefia do Executivo deste Município. Essa sua pretensão foi barrada no ano de 1972, quando seu nome foi colocado em igualdade de condições pelos convencionais arenistas, ao lado de Ibis e Urubatan, mas sobrou no chapeu durante o sorteio das sublegendas que restaram fora a de D. Vitória Furlan de Souza, que tinha maioria absoluta no diretório. Encabeçando este ano um dos grupos que disputaram a convenção para escolha do novo diretório arenista, obteve mais de 50% da votação dos convencionais, ficando, contudo, de fora da constituição do novo comando partidário por discordar de uma coalizão das tres facções arenistas onde não fosse ele ou um de seus seguidores o presidente. Sua firme disposição em voltar à Prefeitura, ou de pelo menos ver seu nome mais uma vez submetido ao sufrágio popular, está evidenciada nas declarações abaixo:

J. 2º — Prof. Pedro Fávares, será mesmo candidato a prefeito nas eleições de 1976?

Fávares — Participo de um grupo de cidadãos que, através da chapa "Jundiá-76", disputou a convenção de julho e obteve votação que lhe garante uma sublegenda. Se esse grupo indicar-me como candidato a prefeito, aceitarei com muito prazer, pois sempre entendi e entendo que o cidadão consciente não deve omitir-se quando estão em jogo os interesses de sua comunidade.

J. 2º — O que acha das sub-legendas?

Fávares — Dentro do atual sistema de bi-partidarismo, a instituição das sub-legendas é um mal necessário. Creio que não haveria outra maneira de tutelar, dentro de um mesmo partido, as diversas correntes que se lhe foram agregando.

J. 2º — Na sua opinião, elas fortalecem os partidos?

Fávares — Embora antagônicas entre si, as sub-legendas acabam fortalecendo os partidos, pois acredito que, entre elas, há um denominador comum: na Arena, o apoio ao Governo e no Mdb, a oposição, a contestação.

J. 2º — A sua sub-legenda tem perspectiva de bom desempenho na próxima campanha?

Fávares — Tem. Primeiro porque emergiu de um movimento consciente de jundiáenses que amam esta terra e por ela estão dispostos aos maiores sacrifícios; segundo porque esse movimento tem suas bases no povo e provou-o na convenção: quase 50% dos arenistas que compareceram sufragaram a chapa "Jundiá-76". Além disso, é um movimento que defende valores e princípios com os quais o povo se identifica: honestidade, respeito, moralidade administrativa e o desejo sincero de união e de trabalho em benefício de Jundiá.

J. 2º — Em termos partidários, quais são as perspectivas para Jundiá? A Arena tem condições de manter a liderança e vencer as eleições?

Fávares — Respeito os nossos adversários do Mdb, mas creio sinceramente que a Arena tem condições para vencer as próximas eleições. Para isso, porém, é fundamental que escolha, a Arena, candidatos honestos, sinceros e capazes, e que não se marginalize nenhuma de suas legítimas lideranças. Terá oferecido, assim, ao povo, as opções que ele deseja: homens que e possam, ao lado dos Governos do Estado e da União, e não contra eles, ajudar no esforço gigantesco que se exige de cada brasileiro e prol da Pátria, garantindo à população quatro anos de realizações, num clima de respeito, segurança e tranquilidade, com amor, com muito amor.

Um equilíbrio de forças na Câmara, o sonho de Alencar

Depois de ter a sua candidatura precipitadamente anunciada para o cargo de prefeito nas eleições de 1972, o agente imobiliário e de passagens aéreas Abdoral Lins de Alencar concorreu naquele pleito a uma cadeira na Câmara Municipal vindo a eleger-se com uma votação suficiente apenas para ser o quarto componente da bancada do Mdb. Entretanto, logo no início do ano legislativo de 1973, sua atuação no plenário e nos bastidores fez com que ele se destacasse como um dos vereadores de maior presença,

valendo-lhe isso sua imediata indicação para a liderança da bancada oposicionista, além de sua eleição para a segunda vice-presidência da Mesa. E conduzindo o seu trabalho numa linha sempre firme, Alencar se manteve em grande evidência em todos esses três primeiros anos de seu mandato, sendo hoje uma das esperanças do Mdb para o futuro pleito municipal, com seu nome já apontado entre os prováveis candidatos à Prefeitura. Mostra-se, contudo, indeciso a esse respeito, conforme revela a entrevista que segue.

J. 2º — Vereador Abdoral Lins de Alencar, líder da bancada do Mdb na Câmara Municipal de Jundiá: como vê a indicação de seu nome com um dos prováveis candidatos à Prefeitura de Jundiá nas eleições de 1976?

Alencar — Sinceramente não tive tempo ainda de pensar nesse assunto. Em verdade, não tomei ainda posição alguma em relação às eleições de 1976. Só tenho como certa, por ora, a minha candidatura à reeleição como vereador. Posso dizer, contudo, que o Mdb está preparado para assumir a Prefeitura de Jundiá; aliás, sempre esteve preparado e talvez até melhor do que está hoje. O caso de candidaturas eu acho bastante delicado e que deve ser posto de forma muito séria para que as coisas não salam precipitadas como nos ocorreu da última vez.

O Mdb tem hoje, como tinha antes, homens bastante preparados, plenamente capazes para assumir a Prefeitura a qualquer hora. O que ocorre é que Jundiá é um município com seríssimos problemas, problemas que se vem remontando de administração para administração, e a disposição de se enfrentar um pleito aqui é um caso que precisa ser muito pensado. Qualquer candidato a candidato, seja da Arena, seja do Mdb, tem que ponderar tudo isso, pesar toda essa situação antes de qualquer decisão. As dívidas que serão deixadas, por exemplo, são um caso que pesa muito para um candidato que se proponha a fazer algo por sua cidade, pois não é brincadeira ter Jundiá com problemas enormes de infraestrutura e não ter

dinheiro para resolvê-los. O povo, por certo, vai cobrar essas obras do próximo prefeito. Esse é um problema que tem me preocupado muito, embora eu não tenha pensado ainda em sair candidato. Preocupa-me muito a situação em que poderá se ver o futuro prefeito de Jundiá, quer venha ele ser da Arena como do Mdb.

J. 2º — Em todo caso, acha que os ventos sopram mais favoráveis à Arena ou ao Mdb em relação ao pleito de 76?

Alencar — Totalmente favoráveis ao Mdb. As perspectivas de uma vitória são altamente animadoras, o Mdb tem tudo para vencer essas eleições, a situação psicológica é magnífica, porque os erros da atual administração nos favorecem grandemente, além da própria posição do partido, que é excelente; quando o partido sobe, tudo o que vem é favorável, é no sentido de ajudar a elevá-lo.

J. 2º — E nessa eventualidade do Mdb chegar à Prefeitura, como ele poderia enfrentar os problemas apontados acima pelo vereador?

Alencar — Esse é um problema que realmente pesa na balança, pois eu acho que o Mdb não poderá se valer do sacrifício do povo, majorando ainda mais os seus impostos. Acho que o problema dos impostos terá que ser revisto; o Mdb deverá administrar diretamente ligado ao povo, deverá consultar os interesses do povo antes de qualquer medida. Jundiá é uma cidade operária, de uma população constituída na sua maioria por trabalhadores humildes, e nenhum prefeito pode administrar uma cidade como esta pensando em reall-

zações faraônicas, mas sim pensando no futuro próximo e distante, planejando tudo para ser executado no seu devido tempo. Portanto, se o futuro prefeito for do Mdb, deverá recolocar as coisas no seu ritmo normal, humano para não criar sacrifícios maiores que os que já foram criados neste período. As finanças do Município devem mesmo ser saneadas, mas nunca mais como se tentou fazer neste período administrativo do sr. Ibis Cruz, nunca mais, porque criou encargos enormes, problemas terríveis, empobreceu a população de Jundiá, prejudicou sensivelmente as camadas mais humildes. Na próxima administração o povo deve ser colocado em primeiro lugar, sempre em primeiro lugar, ainda que a situação financeira da Prefeitura não permita a realização integral de todas as obras que a cidade precisa.

J. 2º — Relativamente à futura bancada do Mdb na Câmara Municipal, quais as possibilidades?

Alencar — Tudo gira em torno dos nomes. É claro que se o Mdb apresentar um bom número de candidatos elegíveis, lhe será possível formar uma boa bancada, senão majoritaria pelo menos bastante representativa. Entendo que não é de todo interessante para o povo que um partido tenha maioria esmagadora na Câmara; um equilíbrio de forças me parece ser muito mais interessante. E o Mdb tem nas eleições de 76 uma ótima chance de alcançar esse equilíbrio. Creio mesmo que chegou a vez do Mdb e Deus ajude que isso aconteça para o bem de nossa cidade.



Vitória dá uma receita de bom administrador

“Como arenista de primeira hora, sempre estive interessada nos destinos do Partido. Essa premissa me permitiu participar diretamente do processo democrático de renovação de valores que a Aliança Renovadora Nacional faculta aos seus postulantes. Fui candidata a Prefeito Municipal em 1972, nas últimas eleições municipais, movida pelos sentimentos progressistas inerentes aos interesses partidários”.

Com esta afirmação, Vitória Furlan de Souza inicia o seu depoimento ao “Jornal de 2º” acerca das perspectivas do ano político de 1976.

E continua:

“Continuamos a batalhar dentro do mesmo partido, sabedora de que estamos vivendo, irreversivelmente, o futuro, não só do país, mas também do nosso Município. E mantemos em nossas mãos o mesmo estandarte, o da Arena, para continuarmos vencendo as duras etapas da consolidação dos nossos princípios, do bem-estar social pelo qual tenho lutado durante toda a nossa existência.

“Como é do conhecimento geral, constituímos um grupo detentor de uma sub-legenda dentro do Partido. Este grupo tem se manifestado sempre, em todas as ocasiões em que se faz mister o uso dos dispositivos políticos da Arena e do processo democrático eleitoral. Participamos do último pleito municipal, fornecendo ao partido as três sub-legendas ao ganharmos o total controle do mesmo em 1972. Deste grupo saiu o atual prefeito e a atual bancada da Arena na Câmara Municipal. Em

seguida partimos para as eleições legislativas de 1974, na tentativa de fazer Jundiá representada na Assembléia. Apoiamos a candidatura do Dr. Rubens de Luca para deputado estadual e de Antonio Carlos Pereira Neto para a Câmara Federal. No decorrer deste ano, participamos das convenções municipais do Partido e fizemos a nossa sub-legenda. Em seguida, em desagravo aos nossos detratores, conseguimos a Presidência da Comissão Executiva da Arena de Jundiá. E assim nos mantemos, unidos, independentes e distantes das críticas, ao lado dos que crêem no nosso trabalho. E assim continuaremos. Iremos à luta nas próximas eleições, tentando dar sempre a nossa contribuição efetiva aos destinos da cidade”.

Falando sobre o futuro político de Jundiá:

“O futuro dirigente municipal deverá ter consciência principalmente, de que o jundiense é um povo sofrido, marcado pelo indestrutível ardor do trabalho. Na sua maioria, responde positivamente às oportunidades de emprego que o vasto parque industrial da cidade lhe oferece. Civilizado, este povo procura ansiosamente o progresso e o resultado está nas ruas, no movimento intenso que se verifica dia-a-dia, aumentando. Esse futuro dirigente deverá saber conduzir esta gente, omitindo-se de realizações pessoais para entregar-se ao trabalho de permanente reconstrução que o próprio trabalho exige, e saber oferecer retaguarda para o povo e condições de sobrevivência para que ele mesmo atinja suas metas”.

70 ANO
76 POLÍTICO

Meu verso é ponta de faca
quando existe precisão
num desafio ele ataca
não escolhe região
sou vencedor na cidade
glorioso no sertão.

Mas quem canta bem merece
de receber permissão
da Deusa da poesia
pra cantar a emoção
cantar a satisfação
e louvar a alegria

Pois hoje estou satisfeito
meu verso sai do meu peito
direto do coração
versarei com sentimento
com toda força e talento
de um bom cantador cristão

Contar uma história assim
foi coisa que eu sempre quis
com meu verso meu repente
cantar um Natal feliz
festajado pela gente
do nordeste do país

Pois o Natal nessas bandas
não tem neve nem vitrola
tocando tema estrangeiro
mas tem dança e andança
que começa em dezembro
e acaba em 6 de janeiro

Quando é noite de Natal
todo mundo vai pras ruas
com sorrisos e cantorias
e se junta numa praça
e se quer bem e se abraça
para louvar o Messias

É preciso ver a praça
toda enfeitada de luz
pra alumiar o menino
e o povo todo animado
louvando Jesus amado
a igreja tocando o sino

Na lapinha está Jesus
deitado na manjedoura
ao lado a Virgem Maria
São José a Estrela Dalva
Os Reis Magos e o Anjo
vigiam o Deus menino
até clarear o dia

Tanto auto natalino
vai homenagear Jesus
com seu canto e sua dança
e ficam a noite inteira
apresentado as jornadas
e alegrando a festança

Tem Guerreiro Reizado Chegança
Pastoril Presépio e a dança
das Balanas e das taieiras
Quilombos e Cavalhadas
Eta festa abençoada
essa festa brasileira

Só vendo com que orgulho
os figurantes respondem
o canto do Mestre Guerreiro
que canta com sua voz forte
um verso que diz assim
"Sem segundo sou primeiro"

Mas lá vem vindo um Reizado
cantando todo animado
com seu Rei sua Rainha
e o Boi correndo na praça
e os palhaços espalham graça
até chegar na lapinha

Eu vou no martelo
contar como é belo
olhar um Reizado
fazer louvação
para o Deus menino
o Deus natalino
que espia sorrindo
tanta devoção
e nem sabe escolher
qual é o cordão
que canta e que dança
com mais precisão

O azul tira um verso
responde o encarnado
e os dois cordões
do mesmo Reizado
sacodem balançam
e cantam e dançam
deixando a torcida
inda mais dividida

Quero dar a explicação
porque em todos os autos
existem sempre dois lados
pode escolher seu cordão
de um lado está o azul
e do outro o encarnado

O azul é a cor do manto
que cobre o corpo divino
da Virgem compadecida
O encarnado é o sangue
de Jesus o Salvador
que por todos nós deu a vida

A Chegança chega em barco
cantando e louvando o povo
trazendo Rei e Rainha
os marinheiros dançando
atravessam toda a praça
até chegar na lapinha

Bonitas como açucenas
as meninas pastorinhas
cantam seus versos de amor
e vão até a lapinha
entregar ao Deus menino
cada uma sua flor
O povo na praça grita
todo mundo se agita
com o estrondo de um trovão
e surge o Encapuçado
o Tinhoso o Danado
o desgramado do Cão

Entrando pela lapinha
querendo ofender Jesus
Satanás vai furioso
mas o Anjo esta alerta
com sua espada ele acerta
o coração do Tinhoso

E a banda de pife ataca
e toca com todo gosto
louvando a morte do Cão

eu vou contar um segredo
até em mim causa medo
aquela aparição

Olha as baianas
chegando na praça
mostrando com graça
como é que se dança
eu vou num golpe
mostrar a alegria
que essa cantoria
traz para a festança
seu passo é ligeiro
seu canto é certo
essa meninada
não para e não cansa

O Quilombo e a Taieira
foram os últimos a chegar
trazem os cantos mais bonitos
e a Jesus vão ofertar
a cantiga da Taieira
vocês precisam escutar
"Lá no céu tem um castelo
feito de mil maravilhas
lá no céu tem um menino
filho da Virgem Maria
Deus lhe salve Casa Santa
onde Jesus fez morada
onde mora o calix bento
e a hóstia consagrada"

Montados em seus cavalos
chegam doze cavaleiros
são seis para cada lado
a torcida toda grita
Viva o cordão azul
Viva o cordão encarnado

Nessa hora é que é bem dura
a sina de um cantador
sem poder tomar patido
estou que nem a Diana
meio azul meio encarnado
um cantador dividido

A Cavalhada é assim
3 paus fazendo uma trava
com as argolas penduradas
os cavaleiros em galope
têm que acertar as argolinhas
e tirar elas com espada

Olha a poeira subindo
meu coração está se rindo
o vermelho está vencendo
pois o Gilberto vaqueiro
sempre foi bom cavaleiro
não pode sair perdendo

Vamos lá cabra danado
o azul está reagindo
desgramado credo em Cruz
vamos cordão encarnado
acerta ganha o torneio
e oferece pra Jessus

O povo grita na praça
se cumprimenta se abraça
Viva o cordão encarnado
mas pra dizer a verdade
com toda a sinceridade
campeão tem dos dois lados

A festa está se acabando
pois já brilha lá no céu
a estrela matutina
no rosto dos figurantes
a alegria e emoção
desta festa Natalina.

Agora o Mestre guerreiro
volta a ser o pescador
que é na vida real
ele esperou o ano inteiro
pra cantar com muito amor
esta festa de Natal

Pastora Taieira Quilombo
Cavaleiro Rei Rainha
se vão felizes contentes
os dois cordões abraçados
mostram nos rostos cansados
todo o amor de nossa gente

Antes de me despedir
quero dizer pro leitor
como é que estou feliz
de saber que nossa festa
vai ser mostrada e cantada
por resto do meu país

Cada um tem o seu jeito
de fazer a louvação
para o nosso Salvador
todos merecem respeito
e nossa admiração
porque são feitos com amor

Nosso jeito é o que narrei
com dança luta e andança
e as mais bonitas loas
o que é muito importante
é que o povo mais distante
vai ouvir o de Alagoas

Por isso é que o meu repente
contou todo o decorrido
em nossa festa de Natal
e agora eu faço questão
de louvar com muito amor
o pessoal da Ducal

A Ducal teve a coragem
de render uma homenagem
ao Natal bem brasileiro
que atrevesou pelo tempo
mostrada de pai pra filho
esse é o Natal verdadeiro

E fica nesse momento
todo o agradecimento
que eu faço pra Ducal
e pra você meu leitor
desejo com muito amor
que tenha um feliz Natal
Que a estrela luminosa
que brilha no céu formosa
ilumine sua vida
é esse o meu desejo
e aproveitando o ensejo
faço minha despedida

Tenham nesse ano novo
Esperança e alegria
Regozijo e prazer
Eu peço pra todo o povo
Saúde e felicidade
Isso era na verdade
O que eu tinha a dizer



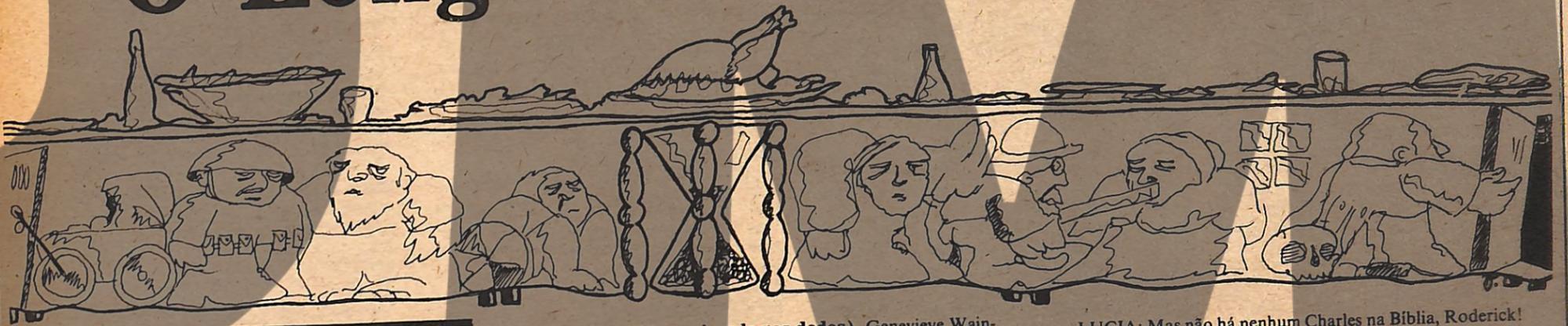
CORDEL

Terésio Dantas (poeta ligeiro)

"Natal brasileiro, festa popular" foi o tema escolhido pela agência de propaganda Gang para a campanha natalina da Ducal Roupas S.A. A felicidade do tema (primeira vez, em toda a história da propaganda de Natal, que se abandonam Papai Noel, Neves e "Jingle Bells"), seu valor cultural, o profissionalismo da execução da campanha, tudo isso valeu os maiores elogios à Gang e seu cliente. Aplausos mais do que merecidos.

A apresentação da campanha que você está vendo na tevê, nas revistas, nas lojas Ducal, foi precedida de um texto de Cordel, criado especialmente. É esse texto que transcrevemos, em absoluta primeira mão, para o público.

O Longo Jantar de Natal



“O Longo Jantar de Natal” é uma peça escrita em 1934, por Thornton Wilder, autor norte-americano três vezes do Prêmio Pulitzer. Sua publicação é uma homenagem ao escritor, falecido há 2 semanas em New Heaven, Connecticut, aos 78 anos de idade.

A sala de jantar da família Bayard. À frente uma grande mesa, enfeitada cuidadosamente para a ceia de Natal. O lugar de quem vai cortar a carne, com um grande peru à sua frente, está à direita do espectador.

Uma porta, no fundo, à esquerda, dando para o vestibulo. Na extrema esquerda, à frente, um estranho portal, com guirlandas de frutas e flores. Diretamente oposto, um outro, forrado e coberto com veludo preto. Os portais representam o nascimento e a morte.

Noventa anos devem transcorrer durante a peça, que representa, em movimento acelerado, noventa ceias de Natal na residência Bayard. Os atores usam roupas comuns e devem indicar seu aumento gradual de idade através da atuação. Muitos deles carregam cabeleiras brancas, que colocam na cabeça no momento indicado, simplesmente, sem comentários. As mulheres podem ter xales escondidos sob a mesa, que gradualmente colocam nos ombros à medida que envelhecem.

Durante a peça as personagens continuam a comer alimentos imaginários com garfos e facas imaginários.

A cortina não é utilizada. Ao chegar ao teatro, a platéia ve o palco arranjado, com a mesa posta, embora ainda em obscuridade parcial. Gradualmente, as luzes da platéia diminuem de intensidade e as do palco aumentam, até que um ofuscante sol de inverno penetre pelas janelas da sala de jantar.

Entra Lucia. Examina a mesa modificando a posição de um garfo aqui, uma faca ali. Fala com uma empregada, invisível para a platéia.

LUCIA: Acho que está tudo pronto, Gertrudes. Não vamos usar a campainha hoje. Vou eu mesma chamar o pessoal.

Vai até o vestibulo e chama:

Roderick! Mamãe Bayard! Estamos prontos. Venham jantar.

Entra Roderick, empurrando a cadeira de rodas de Mamãe Bayard.

MAMÃE BAYARD: ... e um novo cavalo também, Roderick. Eu costumava pensar que só os maus possuíam dois cavalos. Um novo cavalo, e uma nova casa, e uma nova mulher!

RODERICK: Bem, Mamãe, que acha disto? Nosso primeiro jantar de Natal na nova casa, heim?

MAMÃE BAYARD: Hum, hum, hum! Não sei o que seu querido pai diria disto!

LUCIA: Aqui, Mamãe Bayard, a senhora fica entre nós dois.

Roderick reza em silêncio:

MAMÃE BAYARD: Lucia, minha querida, ainda me lembro do tempo em que os índios moravam neste lugar, e eu já não era uma mocinha naquela época. Lembro quando tivemos de atravessar o rio Mississippi numa jangada improvisada. Lembro quando São Luiz e Kansas City eram cheias de índios.

LUCIA (Colocando um guardanapo no pescoço de Mamãe Bayard): Imagine só! Aqui! Que dia maravilhoso para nosso primeiro jantar de Natal: uma linda manhã de sol, neve, um esplendido sermão. O dr. McCarthy sabe dizer um esplendido sermão. Ah, como eu chorei!

RODERICK (Pegando uma faca de trinchar imaginária): Então, mamãe, que é que a senhora quer? Uma fatia de carne branca?

LUCIA: As árvores estão inteirinhas cobertas de gelo. É raro a gente ver isso. Quer que corte para a senhora? (Por cima de seu ombro). Esquecemos a geléia, Gertrudes. Você sabe, na prateleira de cima. Mamãe Bayard, achei a sopeira da mãe da senhora quando estávamos fazendo a mudança. Qual era mesmo o nome dela? Quais eram os nomes de vocês todos? A senhora era... uma... Genevieve Wainright. E a mãe da senhora...

MAMÃE BAYARD: É, você precisa escrever em algum lugar. Eu era Genevieve Wainright. Mamãe era Faith Morrison, filha de um fazendeiro de New Hampshire, uma espécie de ferreiro da cidade. E ela se casou com o jovem John Wainright.

LUCIA: (Memorizando nos dedos). Genevieve Wainright. Faith Morrison.

RODERICK: Está tudo num livro, nalgum lugar do sótão. Temos tudo por escrito. É uma história muito interessante. Vamos, Lucia, só um pouquinho de vinho. Mamãe, um pouco de vinho tinto para o dia de Natal. Contém ferro. “Para o estomago, nada melhor que um pouco de vinho”.

LUCIA: Não consigo me acostumar com vinho, juro! Que diria meu pai? Mas acho que não tem nada demais.

Entra o Primo Brandon, vindo do vestibulo. Senta-se ao lado de Lucia.

PRIMO BRANDON: Muito bem, muito bem, sinto cheiro de peru. Meus queridos primos, nem sei dizer como é bom jantar com vocês no dia de Natal. Vivi tanto tempo no Alaska longe de qualquer parente. Deixe-me ver, Roderick, há quanto tempo você tem esta casa?

RODERICK: Bem, já devem fazer...

MAMÃE BAYARD: Cinco anos. São cinco anos, meus filhos. Vocês deviam escrever um diário. Este é nosso sexto jantar de Natal aqui.

LUCIA: Imagine só. Roderick. Parece que moramos aqui há vinte anos!

PRIMO BRANDON: Mas a casa ainda parece nova em folha.

RODERICK (continuando a trinchar):. Você prefere carne branca ou escura, Brandon? Lucia, encha o copo do primo Brandon.

LUCIA: Nossa, meu querido, não consigo me acostumar com esses vinhos. Imagino o que meu pai diria, nem sei. E a senhora, Mamãe Bayard, que prefere?

Durante as falas seguinte, a cadeira de Mamãe Bayard, sem nenhuma propulsão visível, começa a se afastar da mesa, volta-se para a direita, e vai lentamente para o portal escuro.

MAMÃE BAYARD: Sim, ainda me lembro de quando os índios moravam neste território.

LUCIA: Mamãe Bayard não tem passado muito bem ultimamente, Roderick.

MAMÃE BAYARD: Minha mãe era uma Faith Morrison. E em New Hampshire ela se casou com o jovem John Wainright, um pastor episcopal. Ele a viu na sua igreja um dia...

LUCIA: Mamãe Bayard, não seria melhor a senhora deitar um pouco?

MAMÃE BAYARD: ... e bem no meio do sermão, ele disse para si mesmo: “Vou me casar com aquela moça”. Foi o que fez, e eu sou a filha deles.

LUCIA: (erguendo-se um pouco e olhando para ela com ansiedade). Um pouquinho de sono, meu bem?

MAMÃE BAYARD: Estou bem, continuem a jantar. Eu tinha dez anos, e disse a meu irmão. (Sai).

PRIMO BRANDON: Pena que o dia esteja tão escuro e frio. Mais um pouco e vamos ter de acender as lâmpadas. Falei um instante com o Major Lewis na saída da igreja. A ciática o incomoda um pouco, mas está indo bem.

LUCIA: (esfregando os olhos): Sei que Mamãe Bayard não gostaria que a gente lamentasse sua falta no dia de Natal, mas não consigo me esquecer dela, sentada em sua cadeira de rodas, a nosso lado, apenas um ano atrás. E ela ficaria tão contente com nossas boas notícias.

RODERICK (acariciando sua mão). Vamos, vamos. É Natal.. (Formalmente). Primo Brandon, um copo de vinho com o cavalheiro?

PRIMO BRANDON (erguendo-se um pouco, levantando elegantemente seu copo): Um copo de vinho com o cavalheiro? Claro!

LUCIA: A ciática do Major causa muita dor?

PRIMO BRANDON: Um pouco, talvez. Mas você sabe como ela é. Diz que estará curada dentro de cem anos.

LUCIA: É, ele é um grande filósofo..

RODERICK: A mulher dele mandou um milhão de obrigados por seu presente de Natal.

LUCIA: Esqueci qual foi o presente... Ah, sim, a cesta de costura!

Pela entrada do nascimento surge uma enfermeira, empurrando um carrinho de criança enfeitado com fitas azuis. Lucia corre para ele, seguida pelos dois homens.

LUCIA: Oh! minha criança maravilhosa, minha criança adorada! Quem já viu um bebê mais lindo! Depressa, enfermeira, é menino ou menina? Menino! Roderick, que nome vamos dar para ele? Enfermeira, diga a verdade, já viu uma criança tão linda?

RODERICK: Vamos chamá-lo de Charles, como seu pai e seu avô.

LUCIA: Mas não há nenhum Charles na Bíblia, Roderick!

RODERICK: Claro que há. Na certa que há. Lucia: Roderick — Muito bem, mas para mim ele será sempre Samuel. — Que mãos maravilhosas ele tem! São as mãos mais lindas do mundo, sem nenhuma dúvida. Muito bem, enfermeira. Durma bem, minha criança adorada.

RODERICK: Não o deixe cair, enfermeira, Brandon e eu precisamos dele em nossa firma.

Saem a enfermeira e o carrinho, para o vestibulo. Os outros voltam para suas cadeiras, Lucia ocupando o lugar que era de Mamãe Bayard, e Primo Brandon sentando-se a seu lado, O Primo Brandon põe sua cabeleira branca.

RODERICK: Lucia, uma fatia de carne branca? Quer um pouco de recheio? Alguém quer molho de carne?

LUCIA (por cima de seu ombro) Margaret, o recheio está ótimo hoje. Só um pouquinho, obrigada.

RODERICK: Agora, algum liquido para acompanhar. (erguendo-se um pouco) Primo Brandon, um copo de vinho com o cavalheiro. As senhoras, e que Deus as abençoe.

LUCIA: Muito grata, gentis senhores.

PRIMO BRANDON: Pena que o dia esteja tão sombrio. E nada de neve.

LUCIA: Mas o sermão foi linho. Ah, como chorei! O pastor Spauling sabe pregar um esplendido sermão.

RODERICK: Estive com o Major Lewis na saída da igreja. Diz ele que seu reumatismo vai volta... A mulher dele disse que tem um presente para Charles, vai trazê-lo hoje à noite.

Volta a entrar a enfermeira com o carrinho da criança. Fitas cor de rosa. Mesma corrida de todos para a esquerda.

LUCIA: Ah, minha nova criança adorada! Juro que nunca pensei que fosse menina. Enfermeira, não negue, ela é perfeita!

RODERICK: É sua vez. Escolha o nome que quiser para ela.

LUCIA: Lu lu lu lu! Ai ai ai! Isto mesmo chegou a minha vez. Ela vai se chamar Genevieve, como sua mãe. Durma bem, meu tesouro.

Ela observa a enfermeira saindo com o carrinho para o vestibulo.

LUCIA: Imagine! Algum dia ela vai crescer e dizer: “Bom dia, mamãe! Bom dia, papai!” Confesse Primo Brandon, não é todo dia que a gente encontra uma criança tão linda.

PRIMO BRANDON: Nem uma fábrica nova!

LUCIA: Uma fábrica nova? Verdade? Roderick, não vou gostar nada se a gente acabar ficando rica. Tenho medo disto há anos. Mas isto não é assunto para um dia de Natal. Quero um pedacinho de carne branca, obrigada, Roderick, Charles vai ser pastor, tenho certeza.

RODERICK: Lucia, ele só tem doze anos. Vamos deixá-lo escolher. Nós o queremos na firma, não tenho medo de dizer.

O tempo mais lento para passar é este, quando a gente está esperando os filhos crescerem e começarem a trabalhar.

LUCIA: Prefiro que o tempo continue a andar devagar. Gosto de crianças como elas são. Vamos, Roderick, lembre-se do que disse o médico: Um copo por refeição. (Pondo a mão sobre seu copo). Não, Margareth, não precisamos de mais nada.

Roderick se ergue, com o copo na mão. Com um olhar de desalento, dá alguns passos para o portal escuro.

RODERICK: Não sei o que está acontecendo comigo.

LUCIA: Roderick, por favor seja razoável.

RODERICK (cambaleando, mas com galante Ironia): Mas, minha querida, as estatísticas demonstram que nós, bebedores firmes e moderados...

LUCIA (ergue-se, olhando para ele, angustiada): Roderick! Meu querido! O que...?

RODERICK (volta para seu lugar, com um apavorado olhar de alívio): Bem, é bom estar de volta a mesa com vocês. Quantos jantares de Natal não perdi deitado em minha cama? E voltar juntamente num dia tão bonito!

LUCIA: Ah, meu querido, como você nos deu preocupações! Tome seu copo de leite. Josephine, traga o remédio do senhor Bayard. Está no armário da biblioteca.

RODERICK: Agora que estou melhor, vou começar a fazer alguma coisa por esta casa.

LUCIA: Roderick! Você não está querendo reformar a casa?

RODERICK: Só uma coisinha aqui e outra ali. Ela parece ter cem anos!

Charles entra despreocupadamente no vestibulo. Beija a testa da mãe senta-se.
LUCIA: Charles, você destrincha o peru, meu querido. Seu pai não está bem. Você sempre disse que detesta destrinchar, mas sabe fazê-lo tão bem!

Pai e filho trocam de lugar.

CHARLES: Tivemos uma bela manhã, mamãe. O vento soprava como uma bela de canhão.

LUCIA: E um sermão tão bom. Ah, como eu chorei! A Mamãe Bayard gostava tanto de um bom sermão. E costumava cantar músicas de Natal o ano inteiro. Meu Deus, meu Deus, pensei nela o dia inteiro.

LUCIA: Mas coisas tristes não são coisas deprimentes. Devo estar ficando velha. Gosto de coisas tristes.

CHARLES: Tio Brandon, o senhor está com o prato vazio. Pegue o prato dele, Hilda... e mais um pouco de molho.

Entra Genevieve. Beija a testa do pai e senta-se.

GENEVIEVE: Que dia maravilhoso: As árvores estão inteirinhas cobertas de gelo. É raro a gente ver isso.

LUCIA: Você teve tempo para entregar os presentes depois da igreja, Genevieve?

GENEVIEVE: Tive, mamãe. A velha senhora Lewis manda um milhão de obrigados pelo dela. Era exatamente o que queria, me disse. Ponha muito para mim, Charles, muito!

RODERICK (erguendo-se e começando a andar para o portal escuro): As estatísticas, senhoras e senhores, demonstram que nós, bebedores firmes e moderados...

CHARLES: Que tal esquiar um pouco hoje, papai?

RODERICK: Vou viver até os noventa anos.

LUCIA: Na verdade, acho seriamente que ele não deve ir esquiar.

RODERICK (bem diante do portal, de repente espantado): Sim, mas, mas... não agora!

Sai.

LUCIA (esfregando os olhos): Ele era tão novo e tão inteligente, Primo Brandon (erguendo a voz, por causa da surdez de Primo Brandon). Estou dizendo que ele era tão novo e inteligente. — Nunca se esqueçam de seu pai, meus filhos. Era um homem bom. — Bem, ele não gostaria que a gente lamentasse sua falta no dia de Natal.

CHARLES: Carne branca ou escura, Genevieve? Mais uma fatia, mamãe?

LUCIA (colocando sua cabeleira branca): Posso me lembrar de nosso primeiro jantar de Natal nesta casa, Genevieve. Vinte e cinco anos atrás Mamãe Bayard sentada aqui, em sua cadeira de rodas. Ela se lembrava do tempo em que os índios viviam bem aqui, e de quando teve de atravessar o rio numa jangada improvisada.

CHARLES E GENEVIEVE: Ela não podia lembrar, Mamãe. Não pode ser verdade.

LUCIA: Claro que é verdade — até eu posso me lembrar de quando só havia uma rua pavimentada. Gostávamos de andar nas pranchas de madeira. (Mais alto, para o Primo Brandon). Nós nos lembramos de quando não existiam calçadas na cidade, não é Primo Brandon?

PRIMO BRANDON (encantado): Oh, é claro! Eram aqueles os bons dias!

CHARLES E GENEVIEVE (sotto você: trata-se de um refrão da família): Eram aqueles os bons dias.

LUCIA: ... e o baile de ontem, Genevieve? Divertiu-se muito? Espero que não tenha dançado valsa, meu bem. Acho que uma moça de nossa posição deve dar um exemplo. Charles prestou atenção em você?

GENEVIEVE: Qual atenção? Toda que tinha era para Leonora Banning. Ele já não consegue mais esconder, Mamãe. Acho que está comprometido, vai casar com Leonora Banning.

CHARLES: Não estou comprometido para casar com ninguém.

LUCIA: Bem, ela é muito bonita.

GENEVIEVE: Não vou me casar nunca, Mamãe. Vou sentar-me a seu lado nesta casa, para sempre, como se a vida fosse um longo, feliz jantar de Natal.

LUCIA: Ora, minha filha, não diga estas coisas!

GENEVIEVE (brincando): A senhora não me quer? A senhora não me quer?

Lucia começa a chorar de repente.

GENEVIEVE: Ora, mamãe, não seja tola! Não há nada de triste nisto... Que poderia haver de triste nisto?

LUCIA (enxugando os olhos): Desculpem-me. Eu sou imprevisível, é tudo.

Charles vai até a porta e conduz Leonora Banning até a mesa.

LEONORA (beijando a testa de Lucia): Bom dia, Mamãe Bayard. Bom dia a todos. É um lindo Natal, não acham?

CHARLES: Um pouco de carne branca? Genevieve, Mamãe, Leonora?

LEONORA: As árvores estão inteirinhas cobertas de gelo. A gente nunca vê isso.

CHARLES (gritando): Mais um, Tio Brandon? Rogers, encha o copo do titio.

LUCIA (para Charles): Faça como seu pai costumava fazer. O Primo Brandon vai gostar tanto! Você sabe — (fingindo erguer um copo) — "Tio Brandon, um copo de vinho".

CHARLES (erguendo-se): Tio Brandon, um copo de vinho com o cavalheiro?

BRANDON: Um copo de vinho com o cavalheiro? Claro! A's senhoras e que Deus as abençoe a todas.

AS SENHORAS: Muito gratas, gentis senhores.

GENEVIEVE: E se eu for a Alemanha estudar música, prometo estar de volta no Natal. Nunca perderia nosso jantar.

LUCIA: Detesto pensar em você hospedada em todos aqueles hotéis desconhecidos.

GENEVIEVE: Mas, minha querida, o tempo vai passar tão depressa que vocês nem sentirão minha falta. Estarei de volta num piscar de olhos.

Entra pela esquerda a enfermeira com o carrinho. Fitas verdes.

LEONORA: Oh, meu pequeno anjo! O bebê mais lindo do mundo. Por favor, deixe-me carregá-lo, enfermeira.

Mas a enfermeira empurra o carrinho resolutamente pelo palco e sai pelo portal escuro.

LEONORA: Oh, eu o amava tanto!

Lucia vai até ela, põe o braço sobre o ombro de Leonora, e as duas circulam pela sala, murmurando — Lucia então a entrega a Charles, que a conduz no mesmo circuito.



GENEVIEVE (quando sua mãe se senta, baixinho): Há alguma coisa que eu possa fazer?

LUCIA (ergue as sobancelhas, tristemente): Não, meu bem. Só o tempo, só o passar do tempo pode ajudar nestas coisas.

Charles e Leonora voltam para a mesa:

LUCIA: Vocês não acham que podíamos convidar a Prima Ermengarde para vir morar conosco? Há lugar de sobra para todos, e não vejo por que ela deveria ficar ensinando no grupo escolar pelo resto da vida. Ela não nos incomodaria, não é, Charles?

CHARLES: Não, acho que seria ótimo — Alguém quer mais batata com molho de carne? Mais um pedaço de peru, mamãe?

Brandon se ergue e começa a andar lentamente para o portal escuro. Lucia se ergue e fica um instante com o rosto nas mãos.

PRIMO BRANDON (balbucando): Era bom viver no Alaska naquele tempo...

GENEVIEVE (erguendo-se um pouco, e olhando temerosa para a mãe): Mamãe, era...?

LUCIA (apressada): Calma, meu bem. Vai passar. — Dedique-se a sua música, não se esqueça disto. (Quando Genevieve começa a se dirigir para ela). Não, não. Quero ficar sozinha uns minutos.

Ela se volta e segue o Primo Brandon na direção do portal escuro.

CHARLES: Se os republicanos unissem seus votos, em vez de ficar brigando uns com os outros, poderiam impedir que ele fosse reeleito.

GENEVIEVE: Charles, Mamãe não nos conta, mas ela não tem estado bem estes últimos tempos.

CHARLES: Venha, mamãe, vamos passar umas semanas na Flórida.

Sai Brandon.

LUCIA (sorrindo para Genevieve e dando adeus com a mão). Não seja tola, nada de lamentações.

Une as mãos sob o queixo: seus lábios se movem, murmurando; caminha serenamente até o portal escuro e entra.

Genevieve a fixa com os olhos,, aterrorizada.

No mesmo instante, entram a enfermeira e o carrinho pela esquerda. Fitas amarelas, claras. Leonora corre até ele.

LEONORA: Ó meus queridos... gêmeos... Charles, não são adoráveis? Olhe para eles — olhe para eles.

GENEVIEVE (deixa-se cair sobre a mesa, com a cabeça entre os braços): Mas que é que eu vou fazer? Que resta que eu possa fazer?

CHARLES (inclinando-se sobre o carrinho): Quem é quem?

LEONORA: Parece que sou a primeira mãe a ter gêmeos. Olhe só para eles! Porque a Mamãe Bayard não pode ficar para vê-los!

GENEVIEVE (erguendo-se, subitamente perturbada, em voz alta): Não quero continuar. Não posso suportar.

CHARLES (vai até ela, rapidamente. Sentam-se. Ele murmura para ela, seriamente, segurando suas mãos): Mas Genevieve, Genevieve! Pense como mamãe se sentiria terrificada só de pensar que... Genevieve!

GENEVIEVE (agitando a cabeça, violentamente): Nunca disse a ela como ela era maravilhosa. Nós todos a tratávamos como se ela fosse apenas mais um amigo na casa. Sempre pensei que ela ficaria aqui para sempre.

LEONORA (timidamente): Genevieve, meu bem, venha aqui um minuto e segura a mão de meus meninos. Vou chamar a menina de Lucia, como sua avó — você gostaria disto, não? Olhe só que lindas mãos eles têm.

Genevieve se recompõe e vai até o carrinho. Sorri satisfeita para as crianças.

GENEVIEVE: São maravilhosos, Leonora.

LEONORA: Estenda seu dedo para ele, meu bem. Vai ver como ele segura firme.

CHARLES: E chamaremos o menino de Samuel — Bem, agora vamos acabar nosso jantar. Não os deixe cair, enfermeira. Pelo menos, não deixe o menino cair. Precisamos dele na firma.

LEONORA (fica olhando para os filhos enquanto a enfermeira empurra o carrinho na direção do vestibulo): Um dia eles vão crescer! Imaginem! Vão chegar a dizer "Olá, mamãe! (Faz estranhos ruídos de extasiada consternação).

CHARLES: Vamos, um pouco de vinho, Leonora, Genevieve? Contém ferro! Eduardo, encha os copos das senhoras. Tivemos uma manhã bem fria, maravilhosa. Eu costumava esquiar com papai em manhãs como esta, e mamãe voltava da igreja dizendo...

GENEVIEVE (sonhadora): Eu sei: dizendo "Que esplendido sermão. Ah, como eu chorei!"

LEONORA: Por que é que ela chorava?

GENEVIEVE: Toda aquela geração chorava nos sermões. Era um costume deles.

LEONORA: É mesmo, Genevieve?

GENEVIEVE: Escutava sermões desde pequenos, e acho que os sermões lhes faziam lembrar-se de seus pais e de suas mães, assim como os jantares de Natal fazem conosco atualmente. Principalmente numa velha casa, como esta.

LEONORA: É mesmo uma casa velha, Charles. É tão feia, com todas estas filigranas de ferro e essa cúpula horrível.

GENEVIEVE: Charles! Você não está pensando em reformar a casa!

CHARLES: Não, não. Não vou desistir da casa, mas a verdade é que ela já tem cinquenta anos. Na primavera vou mandar remover a cúpula e construir uma nova ala, na direção dos campos de tennis.

De agora em diante Genevieve se transforma. Senta-se mais rígida. Os cantos de sua boca se tornam fixos. Ela se torna uma solteirona seca e um tanto desiludida. Charles se transforma num simples homem de negócios, um tanto pomposo.

LEONORA: E então, não poderíamos convidar nossa velha e querida Prima Ermengarde para morar conosco? Não há dúvida de que ela é o tipo de pessoa que não incomoda ninguém.

CHARLES: Convide-a agora. Vamos tirá-la de seu grupo escolar.

GENEVIEVE: Parece que só pensamos nisto nos dias de Natal, com o cartão de Natal dela nos contemplando.

A enfermeira e o carrinho entram pela esquerda. Fitas azuis.

LEONORA: Outro menino! Outro menino! Finalmente, um Roderick para você!

CHARLES: Roderick Brandon Bayard. Mais um que nasceu para ser chefe.

LEONORA: Adeus, meu querido. Não cresça muito depressa. Sim, sim, Ai, ai, ai, ai, ai. Fique sempre assim. Obrigada, enfermeira.

GENEVIEVE (que não saiu da mesa, repete seccamente): Fique sempre assim.

Saem a enfermeira e o carrinho. Os outros voltam a seus lugares.

LEONORA: Agora tenho três filhos. Um, dois, três. Dois meninos e uma menina. Estou fazendo uma coleção. E delicioso. (Por cima de seu ombro). O que, Hilda? Oh, Prima Ermengarde, entre. Entre. Prima.

Vai até o vestibulo para receber a Prima Ermengarde, que já está de cabelo branco.

ERMENGARDE (timidamente): É tão bom estar com vocês todos.

CHARLES (puxando a cadeira para ela): Os gêmeos já a estão adorando, prima.

LEONORA: O bebe logo estendeu os bracinhos para ela!

CHARLES: Qual é exatamente nosso parentesco, prima Ermengarde? Isto é com você, Genevieve, é sua especialidade. Mas antes, um pouco mais de peru e recheio, Mamãe? Alguém quer molho de carne?

GENEVIEVE: Acho que sei: a bisavó Bayard era sua...

ERMENGARDE: Sua bisavó Bayard era prima em segundo grau de minha bisavó Haskins, através dos Wainrights.

CHARLES: Bem, tudo isto está num livro, em algum lugar do sótão. A história toda é muito interessante.

GENEVIEVE: Tzolic. Esse livro não existe. Consigo minhas notas em inscrições de túmulos, e podem me acreditar, a gente tem de raspar muito musgo para encontrar um tataravô.

CHARLES: Há uma história de que minha avó Bayard teve de atravessar o Mississipi numa jangada, pois ainda existiam pontes nem barcos regulares. Ela morreu antes que eu e Genevieve nascessemos. Não há dúvida de que o tempo voa num grande país novo, como o nosso. Um pouco mais de molho de carne, Prima Ermengarde.

ERMENGARDE (timidamente): Bem, tempo deve estar passando muito devagar na Europa, com esta horrível guerra acontecendo.

CHARLES: Talvez uma guerra de vez em quando não seja assim tão ruim. Limpa um bocadinho dos venenos que os países vão acumulando. É como uma fervura.

ERMENGARDE: Meu Deus, meu Deus!

CHARLES (encantado): Sim, é como uma fervura — Pronto, lá vêm os gêmeos.

Os gêmeos aparecem na porta do vestibulo. Sam usa um uniforme do exército. Lucia arranja alguma coisa no uniforme do irmão.

LUCIA: Ele não está maravilhoso com o uniforme, Mamãe?

CHARLES: Vamos dar uma olhada no rapaz.

SAM: Mamãe, não deixe o Roderick mexer com meu álbum de selos enquanto eu estiver fora.

LEONORA: Muito bem, Sam, não se esqueça de escrever de vez em quando. Seja um bom rapaz, meu filho.

SAM: A senhora podia me mandar um daqueles seus bolos de vez em quando, prima Ermengarde.

ERMENGARDE (elogiada): Claro que vou mandar, meu menino querido.

CHARLES: Se precisar de dinheiro, não se esqueça de que temos agentes em Paris e Londres.

SAM: Bem, adeus...

Sam sai rapidamente pelo portal escuro, jogando fora sua desnecessária cabeleira branca através da porta a sua frente.

Lucia senta-se à mesa com os olhos baixados.

ERMENGARDE (depois de pequena pausa, numa voz baixa e reprimida, tentando fazer nascer uma conversa). Estive com a senhora Fairchild depois da igreja. O reumatismo dela melhorou um pouco, diz ela. Manda um milhão de obrigados por seu presente de Natal. Era uma cesta de costura, não? Foi um sermão admirável. E nosso vitral estava tão lindo, Leonora, tão lindo. Todo mundo falava sobre ele, e elogiava Sammy. (Leonora leva a mão à boca). Perdoe-me, Leonora, mas é melhor falar sobre ele do que não falar, quando estamos todos pensando nele com tanta força.

LEONORA (erguendo-se, angustiada): Ele era apenas um rapaz. Ele era apenas um rapaz, Charles.

CHARLES: Minha querida, minha querida.

LEONORA: Quero dizer a ele como era maravilhoso. Nós o deixamos partir tão despreocupadamente. Quero dizer a ele como nós todos nos sentimos. -Desculpem-me, deixem-me

andar um pouco. — Sim, é claro. Ermengarde, é melhor falar sobre ele.

LUCIA (em voz baixa, para Genevieve): Há alguma coisa que eu possa fazer?

GENEVIEVE: Não, não. Só o tempo, só o passar do tempo pode ajudar nestas coisas.

Leonora, passeando pela sala, encontra-se com Roderick, que está entrando. Ele dá o braço a mãe e volta com ela à mesa.

RODERICK: Qual é o problema, pessoal? Por quê todos estão tristes? A pista de esqui estava ótima hoje.

CHARLES: Sente-se, senhor Roderick. Tenho uma coisa a lhe dizer.

RODERICK: Todo mundo estava lá, Lucia esquiando com Dan Creighton e o tempo todo. Quando será Lucia, quando será.

LUCIA: Não sei o que quer dizer.

RODERICK: Lucia vai nos deixar em breve, mamãe. E logo por causa de Dan Creighton!...

CHARLES (agourento): Roderick, tenho uma coisa a lhe dizer!

RODERICK: Sim papai?

CHARLES: É verdade, Roderick, que você fez cena ontem a noite no Country Club, no baile de Natal?

LEONORA: Agora, não, Charles, por favor. É nosso jantar de Natal.

RODERICK (em voz alta): Não, não é verdade.

LUCIA: É mesmo, Papai, ele não fez nada. Foi aquele horrível do Johnny Lewis.

CHARLES: Não quero ouvir falar de Johnny Lewis. Quero saber se um filho meu....

LEONORA: Charles, por favor...

CHARLES: A primeira família desta cidade!

RODERICK (erguendo-se): Eu detesto esta cidade e tudo que ela contém. Sempre detestei.

CHARLES: Você se comportou como um cachorrinho mimado, meu senhor, um cachorrinho mimado e mal educado.

RODERICK: Que foi que eu fiz? Que foi que eu fiz de errado?

CHARLES: Ficou bebado e disse grosserias para as filhas de meus melhores amigos.

GENEVIEVE (batendo na mesa): Nada no mundo justifica uma cena como esta. Charles, você me envergonha.

RODERICK: Meu Deus do céu, a gente tem de se embriagar para esquecer como esta cidade é chata. O tempo passa tão lentamente aqui que tudo está parado, é isto que acontece.

CHARLES: Bem, meu jovem, vamos achar emprego para seu tempo. Você vai sair da universidade e ir para nossa fábrica no dia 2 de janeiro.

RODERICK (na porta do vestibulo): Tenho coisas melhores a fazer que ir para sua fábrica enferrujada. Vou para algum lugar em que o tempo passe, meu Deus!

Sai pelo vestibulo.

LEONORA (erguendo-se): Roderick, Roderick, volte, só um minuto. Charles, para onde ele pode ir.

LUCIA (erguendo-se): Calma, mamãe. Ele volta. Agora tenho de subir e fazer minhas malas.

LEONORA: Não tenho mais filhos!

LUCIA: Calma, mamãe. Ele volta. Tenho certeza de que foi para a Califórnia, ou algum outro lugar. A prima Ermengarde arrumou quase tudo para mim. Muito obrigada, prima Ermengarde (Beija a mãe). Não vou demorar.

Corre para o vestibulo. Genevieve e Leonora põem suas cabeleiras brancas.

ERMENGARDE: O dia está maravilhoso. Estive com a senhora Foster na saída da igreja. Sua artrite vai, volta...

LEONORA: Ela sente dores, minha querida?

ERMENGARDE: Oh, ela diz que vai ser sempre assim nos próximos cem anos!

LEONORA: Ela é uma mulher resignada e corajosa.

CHARLES: Vamos mamãe, mais uma fatia de carne branca? Mary, passe-me o prato de minha prima.

LEONORA: Que é isto, Mary? Ah, um telegrama deles, de Paris! "Amor e Feliz Natal para todos". Disse que comeríamos hoje um pedaço de seu bolo de casamento, pensando neles. Parece que já está decidido que vão fixar-se no leste, Ermengarde. Minha filha nem será minha vizinha. Querem construir logo uma casa na praia norte de Nova York.

GENEVIEVE: Não há praia norte em Nova York.

LEONORA: Bem, então é no leste, ou no oeste, não sei. Pausa... ..

CHARLES: Meu Deus, que dia escuro. **Põe sua cabeleira branca. Pausa.**

CHARLES: Como o tempo passa devagar quando não há gente jovem nesta casa.

LEONORA: Tenho três filhos em algum lugar.

CHARLES (tentando confortá-la desesperado): Bem, um deles deu sua vida pela pátria.

LEONORA (tristemente): E um deles está vendendo alumínio na China.

GENEVIEVE (entrando lentamente numa crise histérica): Posso suportar tudo, menos esta fuligem por toda parte. Já devíamos ter mudado daqui há algum tempo. Estamos cercados de fábricas. Temos de trocar de cortinas toda semana.

LEONORA: Por favor, Genevieve!

GENEVIEVE: Não suporto. Não suporto mais. Vou para a Europa. Não é apenas a fuligem, que atravessa até as paredes desta casa; são os pensamentos, o pensamento do que aconteceu e do que poderia ter acontecido. E a sensação nesta casa de que os anos estão correndo, parados dentro do tempo. Minha mãe morreu ontem, não há vinte e cinco anos! Não, vou viver e morrer no estrangeiro! Sim, vou ser velha solteirona americana vivendo e morando num hotel de Munique ou Florença.

ERMENGARDE: Genevieve, você está cansada.

CHARLES: Vamos, Genevieve, tome um copo de água gelada. Mary, abra a janela um instante.

GENEVIEVE: Lamento, lamento. **Corre chorando e sai pelo vestibulo.**

ERMENGARDE: Nossa querida Genevieve voltará, eu acho.

Ergue-se e caminha para o portal escuro.

ERMENGARDE: Você devia ter saído hoje, Leonora. Era um destes dias em que tudo está coberto de gelo. Lindo, muito lindo.

Charles se ergue e a segue.

CHARLES: Leonora, eu costumava esqui com papai em manhãs como esta. Gostaria de me sentir melhor.

LEONORA: O quê! Dois inválidos em minhas mãos ao mesmo tempo? Vamos, prima Ermengarde, você tem de melhorar e me ajudar a curar Charles.

ERMENGARDE: Vou fazer o possível.

Ermengarde volta-se à entrada do portal e volta para a mesa.

CHARLES: Bem, Leonora, vou fazer o que você quer. Vou escrever ao Roderick pedindo perdão e desculpas. É dia de Natal. Passo o telegrama. É isto que vou fazer.

Sai pelo portal escuro.

LEONORA (enxugando os olhos): Ermengarde, é um consolo tão grande ter você aqui comigo. Mary, não consigo mesmo comer nada. Bem talvez uma falta de carne branca.

ERMENGARDE (muito velha): Estive com a senhora Keene na saída da igreja. Perguntou pelos meninos. Senti-me tão orgulhosa na igreja, sentada ao lado de nossos vitrais. Leonora. E as placas de bronze nos bancos... A ala Bayard.. é mesmo uma ala Bayard, e eu a adoro.

LEONORA: Ermengarde, você ficaria com muita raiva de mim se eu fosse passar uns dias com os meninos, na próxima primavera?

ERMENGARDE: Claro que não. Sei como eles querem e precisam de você. Principalmente agora, que estão para construir a casa nova.

LEONORA: Você não vai ficar com raiva? Esta casa é sua, enquanto você quiser, lembre-se disto.

ERMENGARDE: Não compreendo porque vocês não gostam dela. Gosto desta casa mais do que posso dizer.

LEONORA: Não vou demorar. E logo que voltar vamos ler alto de novo uma para a outra, todas as noites.

Beija a prima e sai pelo vestibulo. Ermengarde, sozinha, come vagarosamente e conversa com Mary.

ERMENGARDE: Para falar a verdade, Mary, mudei de opinião. Isto é, se você pedir a Bertha para fazer um pouco de gemada para mim. Um pouquinho de gemada. Recebi uma carta tão gentil da senhora Bayard esta manhã, Mary. Uma carta tão gentil. Estão tendo seu primeiro jantar de Natal na nova casa. Devem estar muito felizes. Eles a chamam de Mamãe Bayard, diz ela, como se fosse uma velha senhora. E diz que acha muito melhor ir e vir em sua cadeira de rodas. Uma carta tão gentil... E ainda há mais, Mary... Vou contar um segredo para você, um grande segredo, preste atenção! Estão esperando um netinho! Não são notícias excelentes? Agora vou ler um pouco.

Ela pega um livro, ainda mergulhando uma colher numa taça de vez em quando. De muito velha, passa a imensamente velha. Suspira. O livro cai. Procura uma bengala junto de si, e vai lentamente até o portal escuro, murmurando:

"Roderick e Lucia, meus queridos meninos".



Anuidades — As obrigações financeiras do Paulista com a Associação Paulista de Esportes Atléticos, em 1921, eram insignificantes, comparando-se com as de agora. Uma licença para um jogo amistoso e mais a despesa com juiz, porcentagens, etc, ficavam em apenas Cr\$ 20,00 por ano.

Relações entre clubes — Há 60 anos, quando o futebol era praticado por puro amadorismo, as relações sociais e a cooperação entre clubes eram mais estreitas e olhadas com mais sinceridade do que atualmente. Por ocasião do Campeonato Interior do ano de 1921, da mesma forma que no ano anterior, o Paulista, que tinha recebido muitas congratulações pela conquista do campeonato, enviou suas felicitações ao E.C. Savóia, de Sorocaba, que se tornara Campeão da Zona Sorocabana; à Associação Caçapavense, Campeã da Zona Central; Esportiva Sanjoanense, Campeã da Zona Mogiana; e ao Corinthians Jundiaense, Campeão da Zona Paulista.

Jundiaí, durante os anos de 1919, 1920 e 1921 foi o maior centro futebolístico do Estado, depois da Capital. Pela força do seu futebol, um dos seus dois grandes clubes, o Paulista e o Corinthians, deveria ficar nesta cidade o título de Campeão do Interior. Era por isso que um jogo entre esses dois destacados rivais se revestia sempre de excepcional importância e normalmente o vencedor era campeão. Outro quadro não fazia frente a qualquer desses dois clubes de Jundiaí. Portanto, o grande obstáculo para o Paulista era sempre vencer o Corinthians, e vice-versa.

Assim aconteceu em 1919, quando o Paulista ficou Campeão do Interior; assim aconteceu em 1920,

quando o Corinthians, vencendo o Paulista, abriu as portas para o mesmo título; e assim aconteceu em 1921, quando o tricolor, abateu o Corinthians, mais uma vez encontrou o caminho direto para a conquista do título do campeonato.

O ano de 1920 foi, portanto, aquele em que, embora não brilhando intensamente a estrela do Paulista, não deixou de dar grandes alegrias aos esportistas locais, pois coube ao Corinthians levantar o Campeonato, elevando ainda mais o nome do futebol jundiaense. O quadro do Corinthians Jundiaense, que nesse ano se sagrou Campeão do Interior do Estado estava assim constituído: Dicá, Paraná e Batista; Ítalo, Tango e Pichi; Carleto, Joaquim, Totó, Euclides e Conrado. Nessa ocasião, à frente do alvinegro da Vila Árens encontravam-se os destacados esportistas Dr. Isaias Brumer, Amadeu Damásio, Egídio Borim, Luiz Bochino, Benedito Santana, João de Freitas, Alberico Camargo e José Martelo.

O encontro para a disputa da Taça Competência desse ano (então já estávamos em 1921) não se realizou, pois o Palestra Itália, que se sagrara Campeão da cidade de São Paulo, não concordou com a inclusão do formidável zagueiro Pedro Grané (dono de um chute tão forte que atravessava qualquer campo, de gol a gol) no quadro jundiaense. Esse jogador, no ano anterior, já havia pertencido ao Corinthians.

No entanto, foi combinado um jogo amistoso com o próprio Palestra, em seu campo, na Capital, para a disputa de uma rica taça. O jogo foi realizado e o Corinthians, fazendo alarde de seu indiscutível valor, venceu os palestrinos dentro do próprio Parque Antártica por 3 tentos a 1.



Por essas narrações, os leitores estão vendo como era altíssimo o conceito do futebol jundiaense naqueles tempos idos. Poderíamos ter conquistado facilmente a Taça Competência de 1919, representados pelo Paulista, não fosse o erro do juiz, dando validade ao gol feito por Frederick, de forma irregular, com as mãos. Poderíamos, igualmente, ter conquistado essa Taça em 1920, se o Palestra tivesse concordado em disputá-la com o Corinthians, pois aquele resultado de 3 a 1 no Parque Antártica traria para nós o cobiçado troféu oficial se, ao invés de outro, aquele estivesse em jogo.

Se nos desviamos um pouco da História do Paulista F.C. neste capítulo, o fizemos a propósito de prestarmos aqui uma justa homenagem ao grande rival do tricolor, aquele que, ao seu lado, foi capaz também de conquistar para Jundiaí grandes glórias, ou seja, o Corinthians Jundiaense Futebol Clube.

Entramos agora no ano de 1922, 14º da existência do Paulista Futebol Clube. A diretoria do tricolor, nesse ano, estava assim constituída: presidente, José Adrião Cassalho Júnior; vice-presidente, Tomaz Silveira; 1º secretário, Miguel Basile; 2º secretário, José Benedito da Silva; 1º tesoureiro, Evaristo Abreu; 2º tesoureiro, Acácio Simões.

Esse foi outro ano de grandes glórias para o futebol jundiaense, pois mais uma vez o Paulista conseguiu o honroso e cobiçado título de Campeão do Interior (referente ao Campeonato de 1921). Na fase semi-final do campeonato, o tricolor se defrontou com o São

Paulista F.C. 50 anos de glórias (12ª parte)

João F.C. local, no campo do Corinthians Jundiaense, vencendo-o por 4 a 3. Enfrentou a seguir o Guarani F.C. de Campinas, que levou de vencido por um rosário de gols: 2 a 1.

Era 24 de fevereiro quando se defrontaram os jundiaenses e o E.C. Taubaté, em São Paulo, no campo do Ipiranga, disputando a hegemonia do futebol interiorano. Era o Taubaté campeão da Zona Central e o seu quadro vinha precedido de grande fama. Mesmo assim, não intimidou o tricolor de Jundiaí. E o resultado foi uma vitória arrasadora dos jundiaenses, pelo dilatado placard de 11 tentos a 1.

A 12 de março o Paulista enfrentaria o XV de Novembro, de Piracicaba, na segunda partida rumo à conquista do ambicionado título de Campeão do Interior. O XV era o campeão da Zona

Sorocabana. Um jornal de Piracicaba publicava na véspera desse jogo o seguinte artigo:

“Segue amanhã para São Paulo o esquadrão do XV de Novembro, que enfrentará no campo do C.A. Ipiranga o valoroso Paulista de Jundiaí, campeão da Ingleza. Arbitrar a pugna o sr. Sebastião Gonçalves, do Minas Gerais F.C. Quanto ao valor do Campeão do Interior, é sobejamente conhecido por todos os que acompanham de perto o desenvolvimento do esporte em nosso Estado. Ainda recentemente, o “Jacarré da Inglesa” sovou a valer o “Tamanduá da Central” por 11 a 1. A sua linha atacante é veloz e a sua defesa regular. Os nossos, é desnecessário recordar, precisam empregar o máximo de esforço e boa vontade para conseguirem manter bem alto o nome do XV de Novembro. É

necessário que cada um de per si empregue a maior soma de esforços, sem desfalecimentos, sem tréguas, para que, em conjunto, tenhamos um bloco homogêneo, capaz de fazer pagar bem caro antiga “lavagem” espalhafatosamente gosada, em uns versos pulhas... Coragem, pois, rapazes do glorioso, e sede felizes”.

E sabem os leitores o que aconteceu nessa partida? Outra formidável goleada Paulista. Dessa vez, por 11 a 0! Sim senhores, 11 a 0! Aquilo é que era jogar futebol! Alijados que foram Taubaté e XV de Novembro, ao Paulista restava enfrentar o Rio Branco, de Americana, e o Comercial, de Ribeirão Preto.

A 19 de março realizou-se o jogo com o Rio Branco, caracterizado por grande equilíbrio, eis que o Campeão da Zona Paulista estava com um quadro fortíssimo, do qual fazia parte o famoso centro médio Carabina. Ainda assim os jundiaenses o levaram de vencido por 1 a 0.

José Fagiano Jr.

ADVOCACIA

Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO
RUA BARÃO, 873
TELEFONE 4.3899

JUNDIAÍ-SP

Escritório de Advocacia

dr. ademécio lourenção
dr. alcimar a. de almeida
dr. francisco v. rossi

RUA SIQUEIRA DE MORAIS, 578, 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

NOVIDADES

Charme

CALÇADOS
ROSÁRIO, 626

causas cíveis e criminais

DRs.

LAERTE DE FRANÇA SILVEIRA RIBEIRO
MARIO PEREIRA LOPES

barão, 1041, 2º a.
fone: 4.3566

XEROX também é com o **FOTO ZEZINHO**

ROSÁRIO, 523 - FONE 6.3795

MUDANÇA?

IRMAOS VIEIRA

TRANSPORTAM MELHOR

FONES: 4.0229 - 6.5086

DECIO DENARDI

desenhos-anúncios-logotipos
folhetos-cartazes

rua dos bandeirantes, 683
fone 6.8066 - Jundiaí

CONSERTOS DE TV, RÁDIOS E TAPES ELETRÔNICA ANZOLIN

rua marechal, 533
telefone: 6.7683

BENEFICENTE DE OFICIAIS DO EXERCÍTO

BOZ

GRÊMIO REPRESENTANTE LOCAL

TENENTE ARAÚJO
RUA PIRAPORA, 410 - VIANELO



LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Excursões ABITE TURISMO

DISNEWORLD — MIAMI — BAHAMAS
COMPRAS EM MANAUS
BAHIA DE TODOS OS ORIXÁS
BUENOS AIRES — MAR DEL PLATA
CATARATAS DO IGUAÇU

INFORMAÇÕES FONES: 6.1530 - 4.3922
R. ROSÁRIO, 585

Célia

Noel Rosa

Noel Rosa é o long-play nº 12 da série "Ídolos da M.P.B.", um lançamento da Continental.

Esse disco, contendo doze composições do Poeta da Vila, foi produzido por J.L. Ferrete, que selecionou, do repertório de Noel, algumas das suas mais conhecidas e divulgadas músicas, entre as quais, "Mulher Indigesta", que, entre outras coisas, diz:

"Mas que mulher/ Indigesta,

Merece/ um tijolo na testa..."

"O X do Problema", um dos seus melhores sambas, tornado célebre na voz de Aracy de Almeida,

e, cujo tema é o "Inglêsismo", que, para desgosto de Noel, começava a pintar na linguagem carloca, em seu último verso não faz por menos:

"E esse negócio / de alô boy/ alô Jone, só pode ser conversa de telefone..."

Esse long-play merece, pode ter certeza, ser comprado e ouvido, pois, daqui há dez, vinte, trinta anos, ou mais, ele ainda será sucesso, ainda será atual, ainda estará nas "paradas" musicais da nossa sensibilidade e do nosso bom gosto, onde as composições de Noel Rosa estarão entre "as dez mais".



Sempre pensei, que, no Brasil, de barato mesmo, só existia o marido da barata. Engano puro.

Não é que, por apenas Cr\$ 12,00 — a Livraria José Olímpio Editora, em regime de coedição com o INL/MEC — imprimiu e colocou à venda, a "Seleção de Orígenes Lessa", mais um volume da "Coleção Brasil Moço"?

Como os bem aventurados leitores desta coluna já estão fartos de saber, essa "Coleção Brasil Moço", da Livraria José Olímpio Editora, foi bolada com o "nunca assaz louvado" propósito de apresentar os textos básicos dos mais representativos escritores da moderna literatura brasileira. E, sendo que, cada volume, apresenta as mais expressivas amostras de um escritor importante, nada mais justo do que esta tremenda escriba que você está lendo, recomende a leitura, imediata, rápida e inadiável da "Seleção de Orígenes Lessa", esse romancista, contista, repórter, jornalista e outras mumunhas mais.

Para encurtar razões, Orígenes Lessa, que por sinal (da Cruz), é pai do Ivan Lessa do "Pasquim" é o célebre autor do romance "O Feijão e o Sonho" e, como se isso fosse pouco, ainda por cima, escreveu uma série de contos, como, por exemplo, "Omelete em Bombaim", "O Esperança Futebol Clube", "A Aranha", etc.

Deixa prá lá. Afinal, só o "Sombra" sabe a sensibilidade que existe nos corações humanos... Sacou? Compre o livro e...

Tchau.

Trovas

ARCHIMIMO LAPAGESSE é catarinense. Nasceu em Florianópolis, aos 22/4/1.897.

Formou-se pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Niterói, em 1.918. Reside e clínica no Rio de Janeiro há muitos anos.

Vejam a fluência, a riqueza de idéias e a inspiração do dentista Archimimo Lapagesse:

1) PARTE, SE ESTÁS DE PARTIDA, MAS NÃO TE DESPEÇAS, NÃO; POIS DÓE MAIS A DESPEDIDA QUE A PRÓPRIA SEPARAÇÃO!

2) MULHER QUE VIVE CALADA E QUE COM TUDO CONCORDA, OU TEM A CORDA QUEBRADA, OU NÃO LHE SABEM DAR CORDA!

3) LI TEU CADERNO, ONDE VEM UNS VERSOS MEUS EM DESTAQUE... MUITO OBRIGADO, MEU BEM, MAS NÃO ME CHAMO BILAC!

eu sempre fui grande amiga de qualquer gênero literário. Portanto, quem quiser doar-me romances, livros de filosofia, psicologia, psicanálise, parapsicologia, religião, sociologia, poesia, astronomia, cibernética, metafísica, teologia, etc., me dará, não

sómente "muita alegria", como, ainda, uma chance de aumentar a minha cultura e a minha

biblioteca. Em tempo: até livro sobre culinária serve (e será muito bem-vindo), tá?

Recorte & Guarde

JOSÉ DE ALENCAR

(1829 — 1.877)

O mais brasileiro dos escritores do Brasil, fecundo, inspirado, é, JOSÉ DE ALENCAR (José Martiniano de Alencar), alinhado entre, os melhores cultores da língua em nossa pátria.

Nasceu em Mecejana, no Estado do Ceará.

Criança, ainda, saiu de sua terra natal para a Bahia, e, em seguida, para o Rio de Janeiro, cuja viagem penosa lhe valeu mais tarde, a possibilidade de retratar, com fidelidade, a exuberante paisagem brasileira, característica literária essa, que se constitui na tônica de toda sua obra literária.

Em 1.840, matriculou-se no "Colégio de Instrução Elemental"; em 1.846, cursou a "Faculdade de Direito de São Paulo" transferindo-se, em 1.848, para a de Olinda, vindo, finalmente, receber seu diploma de bacharel em São Paulo, onde cursou o 5º ano. Algum tempo depois, mudou-se para o Rio, onde dedicou-se à literatura, ao jornalismo, à advocacia, e, ainda, procurando seguir as pegadas de seu pai, à política, terreno em que foi bem sucedido, posto que foi deputado em várias legislaturas, chegando mesmo a ocupar a pasta da Justiça em 1.869. Contudo, sua teimosia, atrevimento e desrespeito ao monarca, provocaram inúmeras polêmicas, intrigas e invejas, encerrando assim sua vida pública. Em seguida, publicou "Cinco Minutos", seu primeiro romance, lançado em 1.856, ano em que publicou sua obra máxima, "O Guarani", romance que veio ao encontro do homem brasileiro que desejava a afirmação de nossa nacionalidade, por se constituir num grito de independência literária, da libertação definitiva das idéias lusitanas. "O Guarani", de J. A. foi o nosso primeiro romance nacional, essencial e totalmente nacional: a paisagem é brasileira, o sentimento é brasileiro, a psicologia é brasileira, o homem é brasileiro.

E surge, em seguida, "A Viúvina", Lucíola, Diva, Iracema, bem como, uma série de novas obras, o que alegrou enormemente os aficionados desse grande romancista brasileiro, cearense ilustre, cujo nome deve ser sempre e sempre reverenciado.

Pufs!

Semiologia: estudo superficial, quase uma ciência.

Andaluz é o nome dos faroleiros ambulantes da Espanha.

Lord Ashley foi um nobre inglês de requintados gostos.

Improbidade: estado da pessoa que se encontra nna mais completa miséria.

Ontário: bobo canadense.

Intempérie é a comida mal condimentada.

Concubina: elemento que se adapta perfeitamente a um outro.

Ambiguo: defeito genético que provoca duas cicatrizes unbilicais.

Pirandelo é a designação aos intelectuais de atitudes não ortodoxas.

Condephaat: nobre-vampiro que habita os edifícios históricos.

Trotskista é o cavalo que anda mais com os membros esquerdos.

Metabolismo: nome dado à atividade principal dos goleadores no futebol.

Prelado: religioso sem o hábito.

Rescaldo é a sopa muito apreciada pelos bombeiros.

Molucos: loucos com mania de sequestrato.

Zarteu



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO



R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456

AGORA VOCE JA TEM ONDE IR
ZETISERVE

A LANCHONETÉ SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LÁ VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGÍTIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN

avenida antonio segre, 504

boutique

Bumboka

rosário 465

fone 4 2833

JUNDI HOBBIES

BRINQUEDOS
PEÇAS E DECORAÇÃO
TUDO PARA
PINTURA
E DESENHO

rosário, 660

fone, 4 3187

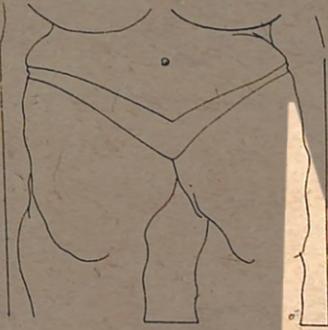


O barato é caro



Na cidade de Franca está havendo um rebu contra o preço do asfalto fixado em Cr\$ 37,00 por metro quadrado. Assim também não. Pelo visto estão a querer receber para deixarem asfaltar as suas ruas. E se os francanos se mudassem para Jundiá e deparassem com o preço da Gutierrez na bagatela de Cr\$ 92,00 o que fariam? Dá medo só em pensar...

Tu sei
veramente
femina?



Banhinhas, gordurinhas, celulites pegam muito mal, nas tangas do Verão.

Em vez de mostrar sua coragem à beira mar ou na piscina, mostre isso tudo pra Mariângela, no "Fêmnia", aquele instituto que mudou agora pra Rua Senador Fonseca, quase em frente da Abite do Abdoral.

Pra comemorar a inauguração da nova casa, a Mariângela está desgordurando por 40 pratos (menos do que você paga pra engordar, em qualquer pizzaria da cidade).

Vai lá, gorda. (E.M.)

O Jornal de 2ª. recebeu, na semana passada, a visita do Deputado Estadual Jayro Maltoni, que, para minha satisfação, aqui esteve para fazer-me um convite pessoal para comparecer, no próximo dia 29, às 20 hs., na Associação dos Funcionários Públicos, em

VEM AÍ A BÓIA MUNICIPAL

Notável por suas propositões exóticas, o vereador Henrique Franco quer agora que o município dê também refeições para pessoas mal alimentadas, que comprovem através da declaração do imposto de renda seus escassos recursos. A idéia que ele encaminhou com **indicação** ao prefeito, não deixa de ter seu sentido humano (admitindo-se que isso fosse de competência do município), porém, o critério que sugeriu para essa assistência, querendo que a **bóia** pública seja dada a quem ganha menos de 1,5 salário-mínimo, mostra que o vereador está bastante ausente da realidade: uma que a legião de mal nutridos que há por aí enguliria o orçamento e mais os empréstimos para as avenidas; outra, quem é que tem imposto de renda a declarar com um salário desse, vereador? (**Benito**).

Um diploma para Maltoni

São Paulo, onde Jayro irá receber, em ato solene, um diploma (prêmio instituído pela própria Associação dos Funcionários Públicos de São Paulo) que lhe confere o título de "Deputado mais combativo", em favor daquela classe.

Agradeço de público, o convite de Jayro — que aliás, recebo como uma

homenagem — e, embora não podendo comparecer fisicamente, quero que o Jayro fique sabendo que lá estarei "em espírito" com a alma vestida de "longuete" azul e branco, verde e amarelo ("haut-couture"), posto que a data de 29 de dezembro de 1975, no meu coração é feriado nacional. (Célia).

ATÉ O PRÓXIMO (ANO)



Festas são festas. Por essa razão, este número do **Jornal de 2ª.** sai duplo: vale para o Natal e para o Ano Novo.

Ao mesmo preço, o que é uma dupla vantagem para o leitor.

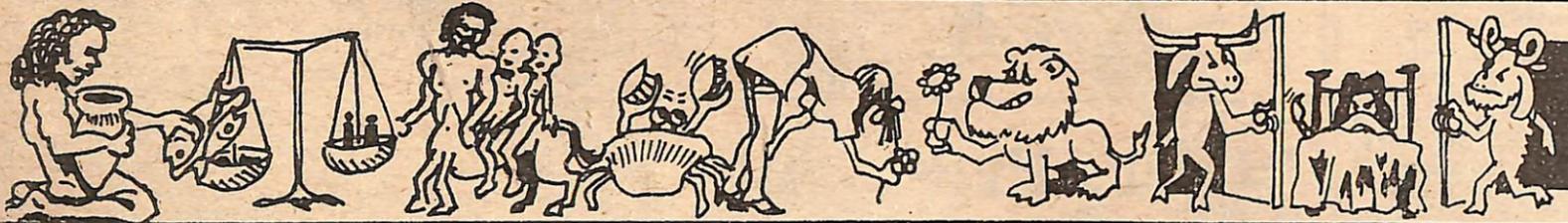
Estaremos de novo nas bancas a partir do dia 5 de janeiro de 1976.

Com força total que o Ano Novo exige.

Amos. Attos. Obdos.

O Cordel que estamos publicando na página 13, bem como a ilustração que compõe a capa deste número nos foram cedidos por Lívio Rangan, diretor da "Gang".

Ao Lívio e à Ducal Roupas S.A., para quem a "Gang" criou as peças os nossos agradecimentos.



HORO'S COPO

ARIES (21/3 a 20/4)

Aproveite a manhã do dia 25, arreie as renas, prepare os patins e sala com a garotada. Evite as avalanches.

TOURO (21/4 a 20/5)

Assim que caírem os primeiros flocos de neve, na noite de 24, entoe a canção "White Christmas", de preferência a duas vozes. Pronuncia-se "uáit cristimas", sua besta.

GÊMEOS (21/5 a 20/6)

Não se esqueçam de

apagar o fogo da lareira. Ano passado vocês chamuscaram o velho "Santa Klaus".

CÂNCER (21/6 a 21/7)

Aquele cartãozinho escrito "Merry Christmas" não tem nada a ver com Maria Cristina, estúpido! Happy Yazig, sonny!

LEÃO (22/7 a 22/8)

Sua terra de origem não tem neve? Tente aqui e agora, Brazil, you know?

VIRGEM (23/8 a 22/9)

Jingle Bells, gingue o máximo que puder. Quem sabe alguém de vermelho resolva o teu problema. Bombeiro, por que não?

BALANÇA (23/9 a 22/10)

Não se esqueça de colocar aquele enfeitinho de cipreste na porta da sua casa. Quando nevar, vai ficar maravilhoso. E dá sorte, fellow!

ESCORPIÃO (23/10 a 21/11)

Esqueça o veneno,

balance o rabinho alegremente e ponha os dois dentinhos pra fora, assim. A época está pra esquilo, filho.

SAGITÁRIO (22/11 a 21/12)

Atrele-se a um esquilo dos grandes e leve a família passear. Se encontrar um Papal Noel, cante com ele: "Nas casaaaas/ pernanbucaaaaas".

CAPRICÓRNIO (22/12 a 20/1)

Coloque o refrigerador

no ponto "6" e tranque-se dentro. Você dará um maravilhoso boneco de neve. Não esqueça o cachimbo, the pipe, manja?

AQUÁRIO (21/1 a 19/2)

Durante a ceia, evite ser confundido com cubos

de gelo. A temperatura deverá cair para 13 abaixo, brrrr!

PEIXES (20/2 a 20/3)

Decididamente, a festa nada tem a ver com você. Tente as corredeiras do Alaska, os Big Lakes. Freeze yourself, Moby Dick.

Profa. Zuleika

DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICÍNIOS EM GERAL
ATACADO E VAREJO

nerly aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n 282 fone 6-7521

RESTAURANTE E WYSKERIA

— DON GUIDO —

ONDE COMER BEM
NÃO É SÓ UM PRAZER, MAS
TAMBÉM UM PRIVILÉGIO

JÁ EM FUNCIONAMENTO

RUA DO ROSÁRIO, 670



Seja a alegria das festas deste fim de ano
uma constante em sua vida no ano de 1976

JUNDI-HOBBIES

BRINQUEDOS — MATERIAIS DE
PINTURA E DESENHO — TUDO
PARA A DECORAÇÃO DE SEU LAR

Rua do Rosário, 660 - Telefone 4-3187

Profa. Zuleika vaticina: "Grandes mudanças em 1976"

Que idade teria Maria Orozowa Peres? Dificil dizer.

Sua pele clara e lisa, as faces rosadas, os olhos muito azuis lhe conferem uma salutar aparência de campesina russa — herança de sua mãe, imigrante fugida da revolução bolchevique. Trinta e oito anos, a gente diria.

No entanto, fotos suas, amareladas, em molduras antigas ou em retratos fora de moda, ela já mocinha, nos mostram que Maria Orozowa Peres deve ter cinquenta anos, ou mais. Fato que fica irrelevante diante de seu espírito jovial, seu incrível bom-humor, sua simpatia.

"Tenho jeito de pau-de-arara? Pois é, nasci em Recife, quatro horas depois de minha mãe desembarcar do vapor de foragidos russos".

Do seu pai sabe somente aquilo que a mãe lhe contou: um marinho espanhol que teve apenas três dias de folga, enquanto seu navio era reparado num porto russo. "Foi olhem-se, gostarem-se e pimba. Ele era de Gêmeos, viajante astral. Ela era Escorpião, apaixonada, emotiva. Os três dias que ficaram juntos foram mais do que suficientes. Prova disso: aqui estou eu".

Maria Orozowa Peres perdeu a mãe também muito cedo. E enfrentou, ainda garota, a vida. "Prefiro não dizer o meu signo, mas é próprio dele as coisas que me aconteceram. Ou melhor, aconteceram a Maria Orozowa Peres, uma menina que começou a viver cedo demais e que morreu cedo demais. Maria morreu há 25 anos. Eu a matei e enterrei. Desde então sou Profa. Zuleika. Qual é o teu signo, meu filho?"

E foi assim, numa sala à meia luz, com muitos retratos na parede e sobre uma cômoda antiga, foi assim que teve início nossa entrevista com Profa. Zuleika, astróloga e colaboradora do Jornal de 2°.

Jornal de 2°: Profa. Zuleika, que previsões a senhora faria para o mundo, em 1976?

Profa. Zuleika: Meu querido destino é uma coisa que dura mais do que o único ano. 1976 é apenas mais um ano no destino do mundo. E o destino dele está escrito nos destinos dos homens que o governam. No campo da política internacional, três homens chefiarão os rumos da humanidade: Gerald Ford, Leonid Brejnev e Mao Tsé-Tung. Ford e Brejnev são do mesmo signo, são de Sagitário. Embora ostentem o porte altivo da sua metade humana, seus

traseiros é que comandarão, continuarão comandando suas ações em 76. Ford continuará tropeçando em objetos, caindo de escadas. Brejnev continuará tropeçando nas contradições dos seus acordos com Ford e dos seus esbravejamentos "antimperialistas". Farinha do mesmo saco, meu filho. Já Mao Tsé-Tung é Virgem, teimoso, obsecado por seus ideais, dono de uma fé absurda em si mesmo. Continuará xingando Ford e Brejnev. Até que a morte os separe.

Jornal de 2°: Quer dizer que não vai mudar nada?

Profa. Zuleika: Meu anjo, desde quando eu tinha quatro aninhos que um pequinês meu fazia pipi levantando a perninha. Você tem visto pequinês fazer pipi, ultimamente?

J. 2°: E a América do Sul (exceto o Brasil, para nós queremos um vaticínio em separado?)

PZ: Militares sufocarão tentativas de infiltração de ideologias alienígenas, usarão a força, se necessário, assumirão o poder, se necessário e trabalharão no sentido de fazer com que os seus países voltem à normalidade, se necessário.

J. 2°: E o Brasil?

PZ: No nº 24 do seu Jornal de 2°, aliás nosso, afinal eu sou colaboradora (risinhos), vocês publicaram uma matéria sobre "Política Exterior" que expressa bem o que deverá ser o Brasil em 1976, no campo internacional. Puxa, como eu gostaria de ter escrito aquilo! Achei maravilhoso especialmente o articulista chamar os cubanos de dançadores de habaneras. Me lembrou Penna Boto, Corção, gente que tenho lido regularmente desde 1950. Gozado, me fez pensar também naquele sensualíssimo Fernando Lamas, lembra-se dele, nos filmes da Metro? Ou seria Ricardo Montalban? Minha cabeça está um pouco confusa...

Mas vamos deixar a política. 1976 será um ano muito bom para os mais de 100 milhões de brasileiros. Embora a Copa do Mundo vá acontecer somente em 78, muitas novidades acontecerão com a Seleção Canarinho. Na tevê, teremos Sívio Santos (eu acho ele um amor) num canal todinho seu. Janet Clair deverá escrever a próxima novela a cores da Globo. Roberto Carlos continuará sendo o Rei da Juventude, embora vá lançar apenas um LP em 1976, o que é lamentável. A inflação não ultrapassará os 30, 30,5%, todos teremos melhores oportunidades para ter a nossa casa própria. A poupança



"O Sr. Presidente da Câmara, por exemplo, subitamente começará a acertar todas as concordâncias léxico-gramaticais"

será a garantia de anos futuros mais tranquilos, embora já esteja tudo indo às mil maravilhas. Muita gente será feliz com os novos Chevrolet (parece comercial do Luchinni, hi, hi, hi). Durante um ou outro mês do ano, alguns brasileiros deverão apertar os cintos. Calma! E que as vendas de pastilhas de emagrecimento terão grande aumento, gente mais enxuta, sabe como é?

Não haverá greves de trabalhadores, os estudantes continuarão nas escolas, mesmo nas escolas que ainda não regularizaram sua situação junto ao MEC. E teremos paz para trabalhar e conviver com a família.

J. 2°: E as eleições de 1976?

PZ: Pobre repórter! Eu sou astróloga, filho. E mesmo o Astral é impotente para saber resultado das urnas. Aquelas

caixinhas maravilhosas têm poderes que amansariam a fúria de Júpiter! Agora ouça, eu gostaria que você me perguntasse coisas mais chegadas a nós, a Jundial. Vamos, arrisque.

J. 2°: Vamos lá. A Câmara de Vereadores em 1976.

PZ: 1976 será um ano incrível para o Legislativo, com modificações revolucionárias e...

J. 2°: Será que a senhora entendeu minha pergunta, professora? Eu falo da nossa Câmara.

PZ: Pois é dela mesmo que começei a falar. Grandes mudanças afetarão o comportamento dos srs. Vereadores, em 1976. Com a entrada de Mercúrio na décima casa Astral, em conjunção com Vênus, as lideranças sofrerão grandes alterações. O Sr. Presidente da Câmara, por exemplo, subitamente começará a certas as concordâncias léxico-gramaticais. E uma inusitada coragem comandará seus pronunciamentos mais importantes, tais como: "Em nome de Deus, declaro abertos os trabalhos", frase que tem marcado a atuação (pública e pública) do eminente jovem político.

O ilustre Vereador Giarolla continuará sua linha de absoluta independência partidária, votando sempre a favor dos projetos da Arena. Moço de valor!

Incompetentes confissões para decidirem questões técnicas (o que revela um espírito de grande humildade) os Srs. Membros arenistas das Comissões Técnicas, pelo sim, pelo não, votarão pela aprovação de todos os projetos do Executivo — fato que, em si, representa uma verdadeira revolução: o Executivo faz leis, o Legislativo dis "Yes" (alguns membros da bancada situacionista, de formação mais cristã, dirão apenas "A-mém").

Também para a Oposição tudo será diferente, em 1976. Os resultados das votações de 1975 jamais se repetirão. Serão 10 a 5, 9 a 5, até 8 a 5 e nunca 11 ou 12, como ocorria nos anos anteriores. Isso encorajará o Sr. Vereador Abdoral de Alencar a criticar a Administração, o que deixará profundamente triste o nobre Vereador Hermenegildo Martinelli, homem de pensamentos sempre voltados para o Bem. Um santo!

J. 2°: E o Executivo, Profa. Zuleika? Alguma modificação nos atos do Chefe?

PZ: Muitos, meu filho, mudanças tão radicais que serão uma surpresa até para pessoas muito

íntimas do Chefe do Município, os jornalistas, eu quero dizer.

Aquele trecho da Serra do Jappi, cujo desmatamento e retirada de terra têm sido condenado, aquilo ficará verdinho, em 1976; o Prefeito vai realizar campeonatos semanais de futebol e colocará aquele pedaço à disposição da Sociedade Esportiva Palmeiras, para concentração dos seus craques. Assim, toda aquela área será coberta pelas gloriosas camisas periquitas, dando um novo verde à paisagem da serra. E para compensar a destruição da centenária figueira do Largo de Santa Cruz, Sua Senhoria contratará (serviço de terceiros) a Ademir da Guia: tão verde tão veterano quanto a figueira. Ele fará ponto, diariamente, na praça. Quer dizer, não precisará ser diariamente. Afinal, como "terceiros" ele não tem obrigação diária com nada, veja o caso daquele moço simpático e barbudinho do Planejamento, como é mesmo o nome dele? Ah, deixa pra lá, nomes não importam.

J. 2°: E o asfalto?

PZ: Vejo nos astros que a denominação "asfalto quente" esta fadada a desaparecer. Em 1976, na maioria das ruas asfaltadas (e serão muitas), a água dos antigos encanamentos brotará, refrescando o asfalto. Serão verdadeiras fontes a correr, chuuuá. Além da melhoria do clima, essas fontes poderão ser utilizadas pelas crianças dos bairros que não possuem centros de recreação: é a democratização do esporte náutico!

J. 2°: Pra terminar, um vaticínio para o Jornal de 2°.

PZ: Deixe-me ver aqui o mapa astral. Netuno, a partir de janeiro, entra em conjunção com o Sol, na décima casa. Júpiter, Urano e Plutão, na fase mais alta do ciclo da Lua, provocarão fluidos muito fortes, principalmente em relação a Vênus, cuja força estará neutralizada pela presença marcante de Mercúrio na sétima casa do Zodíaco.

Tudo leva a crer que o Jornal de 2° jamais publicará um edital de concorrência, uma mensagem de saudação ao povo desta laboriosa cidade, ou mesmo um convite para as dezenas de inaugurações de postos de saúde que, fatalmente, acontecerão em 1976, nesta terra de Petronilha.

Por outro lado, o jornal tenderá a adotar uma linha de oposição, citando dados e números indiscutíveis, irrespondíveis, inegáveis.

Me perdoem a franqueza, mas vocês não têm nenhum futuro, meus filhos!